

Reduzindo o risco de desastres em nossas comunidades



Reduzindo o risco de desastres em nossas comunidades

escrito por Paul Venton e Bob Hansford

Editora: Rachel Blackman

Traduzido por: João Martinez da Cruz, Wanderley de Mattos Jr. e Marjorie Allan

Design: Wingfinger

Os autores gostariam de agradecer o Professor Ian Davis por permitir o uso dos seus modelos de desastres neste manual, por revisá-los tão cuidadosamente e fazer observações úteis. Marcus Oxley foi quem concebeu a idéia de desenvolver a ferramenta APRD. Os autores gostariam de mencionar o seu compromisso e entusiasmo pela preparação deste manual. Estamos agradecidos à EFICOR e ao Centro de Discipulado, organizações parceiras da Tearfund na Índia, que dedicaram muito tempo e energia à preparação da ferramenta APRD. Os nossos agradecimentos também se estendem a Lorna Victoria, Dewi Hughes, AIDTS e aos parceiros e funcionários da Tearfund por terem contribuído com estudos de casos, revisado versões preliminares e testado este manual no campo.

Saber como as publicações da Tearfund são utilizadas pelos parceiros e por outras organizações nos ajuda a melhorar a qualidade de futuras publicações. Se desejar fazer comentários sobre este manual, favor escrever ou enviar um e-mail para a Tearfund no seguinte endereço: roots@tearfund.org

Outras publicações da série ROOTS:

- ROOTS 1 and 2 – Kit de ferramentas para a defesa de direitos. Um conjunto de dois manuais separados: *Compreensão da defesa de direitos* (ROOTS 1) e *Ação prática na defesa de direitos* (ROOTS 2). Só podem ser obtidos em conjunto.
- ROOTS 3 – *Avaliando a capacidade da sua organização*. Uma ferramenta de avaliação organizacional que permite que as organizações identifiquem as necessidades de desenvolvimento das suas capacidades.
- ROOTS 4 – *Construindo a paz nas nossas comunidades*. Pontos de aprendizagem retirados de estudos de casos de parceiros da Tearfund que estiveram envolvidos no trabalho de incentivo à paz e à reconciliação em comunidades.

- ROOTS 5 – *Gestão do Ciclo de Projetos*. Aborda o processo de planejamento e gestão de projetos, usando o ciclo de projetos. Descreve ferramentas de planejamento, assim como os levantamentos de necessidades e capacidades e a análise de atores interessados. Também descreve claramente como preparar um marco lógico.
- ROOTS 6 – *Captação de recursos*. Mostra como elaborar uma estratégia de captação de recursos e traz idéias para ajudar as organizações na diversificação da sua base de financiamento.
- ROOTS 7 – *Participação infantil*. Examina a importância de incluir as crianças na vida comunitária e no planejamento, na implementação e na avaliação de projetos.
- ROOTS 8 – *HIV e AIDS: começando a agir*. Examina como as organizações cristãs de desenvolvimento podem responder aos desafios trazidos pelo HIV e pela AIDS, tais como reduzir o seu impacto, prevenir o contágio com o HIV e tratar de questões ligadas ao HIV e à AIDS dentro das organizações.

Todos podem ser obtidos em inglês, francês, espanhol e português.

Para obter mais informações, escreva para Resources Development, PO Box 200, Bridgnorth, Shropshire, WV16 4WQ, Reino Unido, ou envie um e-mail para: roots@tearfund.org

© Tearfund 2006

ISBN 1 904364 61 6

Publicado pela Tearfund. Uma companhia limitada. Registrada na Inglaterra sob o no. 994339. Instituição beneficente registrada sob o no. 265464.

A Tearfund é uma agência cristã evangélica de assistência e desenvolvimento que trabalha através de parceiros locais, procurando levar auxílio e esperança às comunidades carentes por todo o mundo.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido
Tel: +44 (0)20 8977 9144
E-mail: roots@tearfund.org
Web: <http://tilz.tearfund.org/Portugues>

Reduzindo o risco de desastres em nossas comunidades

escrito por Paul Venton e Bob Hansford

Conteúdo

| | | |
|---------|---|----|
| | Introdução | 5 |
| Seção 1 | Perspectivas cristãs sobre desastres | 7 |
| | 1.1 Compreendendo os desastres | 7 |
| | 1.2 A nossa resposta aos desastres | 8 |
| Seção 2 | Teoria de desastres | 11 |
| | 2.1 O Modelo de Ebulição | 11 |
| | 2.2 O Modelo de Liberação de Pressões | 17 |
| Seção 3 | Introdução à Avaliação Participativa do Risco de Desastres | 21 |
| | 3.1 Boa facilitação | 21 |
| | 3.2 Categorias de análise | 24 |
| Seção 4 | Os seis passos da Avaliação Participativa do Risco de Desastres | 27 |
| | PASSO 1 Preparação | 28 |
| | PASSO 2 Levantamento de ameaças de desastres | 35 |
| | PASSO 3 Levantamento de vulnerabilidades | 39 |
| | PASSO 4 Levantamento de capacidades | 47 |
| | PASSO 5 Entrevistas com os informantes-chave | 54 |
| | PASSO 6 Planejamento de ações | 56 |
| Seção 5 | Aumentando a eficácia | 63 |
| | 5.1 Medindo a eficácia | 63 |
| | 5.2 Usando a ferramenta APRD em diferentes contextos | 64 |
| | 5.3 Incorporando questões importantes | 69 |
| Seção 6 | Recursos úteis | 73 |
| | Glossário | 75 |

Introdução

Os desastres afetam milhões de pessoas todos os anos. Eles prejudicam vidas, propriedades e meios de sustento. Alguns desastres afetam muitas pessoas em um curto período de tempo, tal como o tsunami em 2004, no sul asiático. Outros desastres acontecem ao longo de muitos anos, mas podem destruir muito mais vidas do que os eventos repentinos. O HIV e a AIDS, por exemplo, estão gradualmente causando um desastre em muitos lugares ao redor do mundo. Potencialmente, qualquer lugar pode ser afetado por algum tipo de desastre. Regiões que não sofreram desastres no passado estão cada vez mais suscetíveis a estarem expostas a novos desastres devido às mudanças climáticas.

Existem evidências de que o número, a gravidade e o impacto econômico negativo dos desastres estão aumentando. Isto se deve principalmente ao fato de que mais pessoas estão vivendo em condições vulneráveis, tais como em planícies sujeitas a inundações, em favelas nas regiões urbanas ou em moradias de má qualidade. A maioria das pessoas afetadas pelos desastres vive nos países mais pobres do mundo.

Os desastres costumam reverter o progresso alcançado através do trabalho de desenvolvimento. O aumento no número de desastres e o maior impacto dos mesmos é uma das razões que levam muitas pessoas a preverem que as Metas de Desenvolvimento do Milênio não serão alcançadas até o ano 2015.

Muitos desastres podem ser evitados, ou pelo menos os seus efeitos podem ser menos destrutivos, reduzindo os riscos que as pessoas enfrentam. A redução do risco de desastres tem sido eficaz em muitos países ao redor do mundo, salvando vidas e protegendo meios de sustento. Economicamente, a redução de riscos faz sentido. Mesmo quando uma quantia relativamente pequena é gasta na redução de riscos antes que um desastre aconteça, é possível economizar quantias muito maiores que precisariam ser gastas em assistência humanitária e reconstrução após um desastre. Um estudo sobre um projeto comunitário voltado a reduzir o risco de inundações na Índia constatou que os benefícios do projeto eram quatro vezes maiores do que o seu custo. Um projeto semelhante, voltado à redução do risco das secas e inundações, gerou benefícios treze vezes maiores do que o seu custo.¹

A maneira mais eficaz de reduzir o risco do acontecimento de desastres é trabalhar com os moradores da região na identificação e análise das suas vulnerabilidades e capacidades, além de desenvolver e implementar um plano de ações. Este manual considera um método que pode ser usado para alcançar isto. Esta metodologia é conhecida como **Avaliação Participativa do Risco de Desastres (APRD)**.

O processo APRD deve contar com a participação ativa dos moradores. Ele é um processo empoderador, visto que as pessoas começam a compreender as razões das suas vulnerabilidades e identificam as suas próprias capacidades. Por sua vez, estas capacidades passam a ser o enfoque principal do planejamento de ações. O plano de ações considera como as capacidades podem ser desenvolvidas e usadas para superar algumas das vulnerabilidades. Algumas atividades podem ser feitas localmente para reduzir os riscos, enquanto outras poderão requerer apoio externo ou incluir a defesa de direitos nos âmbitos regional, nacional ou internacional.

1 Venton C, Venton P 2004 *Disaster Preparedness Programmes in India: a cost benefit analysis* ODI Network Paper 49 (disponível apenas em inglês)

Para aumentar a apropriação e a sustentabilidade do planejamento de ações, é melhor se a Avaliação Participativa do Risco de Desastres for feita onde os moradores tiverem identificado a necessidade de reduzir o risco de acontecimento de desastres. Uma organização de desenvolvimento que tenha trabalhado na região por algum tempo poderá disponibilizar um funcionário de campo para aplicar o processo APRD com os moradores. O funcionário deverá sempre garantir que os moradores se apropriem do processo. A organização de desenvolvimento deverá apenas facilitar o processo. Os próprios moradores deverão ser capazes de usar este manual e a ferramenta APRD sem a ajuda de facilitadores externos.

Os cristãos têm uma responsabilidade dada por Deus de ajudar aqueles que vivem na pobreza e de aliviar seu sofrimento. As organizações cristãs de desenvolvimento e as igrejas têm um papel importante na redução do risco de desastres. Onde ela existe, a igreja local está bem posicionada para trabalhar com os moradores para reduzir o risco de acontecimento de desastres. Ela deve ser incentivada a participar plenamente no uso da ferramenta APRD. A avaliação pode ser usada pelas igrejas como parte de processos de mobilização comunitária ou da própria igreja.

A ferramenta APRD pode ser usada em diferentes situações:

- em regiões que sofrem desastres freqüentes.
- no planejamento de todos os tipos de projetos de desenvolvimento, em todas as regiões – não apenas os projetos relacionados a desastres em regiões mais sujeitas ao risco de desastres. Os projetos de desenvolvimento devem ser planejados a partir de uma compreensão dos riscos enfrentados pelos moradores. Do contrário, eles poderão aumentar a vulnerabilidade aos desastres. Além disto, a sustentabilidade dos projetos de desenvolvimento pode ser aumentada. Se os riscos não forem identificados e um desastre acontecer, os benefícios poderão ser perdidos.
- depois de um desastre, para ajudar as pessoas a lidarem com as causas fundamentais e de longo prazo da sua vulnerabilidade, além de atender às suas necessidades imediatas.

A ferramenta APRD foi usada com êxito por alguns parceiros da Tearfund em vários países, incluindo a Eritreia, a Etiópia, a Índia, o Malawi, a Serra Leoa e o Sudão. Este manual contém estudos de casos que mostram como este processo causou mudanças positivas na vida das pessoas.

Este manual começa considerando os desastres a partir de uma perspectiva cristã. Ele então passa a considerar algumas teorias sobre desastres e descreve a ferramenta APRD como uma forma de reduzir o risco de acontecimento de desastres.

Perspectivas cristãs sobre desastres

1.1 Compreendendo os desastres

Muitos desastres são mencionados na Bíblia. Às vezes é dada uma explicação do porquê eles acontecem, e outras vezes não. Nesta seção, consideramos as diferentes razões pelas quais os desastres acontecem.

Desastres como consequência de relacionamentos rompidos

Muitos desastres mencionados na Bíblia não parecem acontecer por uma razão específica. Eles resultam do mundo caído em que vivemos. Em Gênesis 3 lemos que, devido as pessoas terem se voltado contra Deus e desejado viver da sua própria maneira, o relacionamento entre elas e Deus, entre elas mesmas e entre elas e a criação, foi rompido. Portanto, os desastres provocados pelos perigos 'naturais', ou pelos assim chamados 'atos divinos', geralmente estão fundamentados no pecado humano. Isto é porque as pessoas passaram a ficar vulneráveis por meio de suas próprias ações e das de outras pessoas, devido à iniquidade, injustiça e ganância.

Os cristãos podem ser afetados pelos desastres tanto quanto qualquer outra pessoa. Os cristãos adoecem e morrem, são roubados e estuprados, sofrem acidentes, podem morrer ou perder entes queridos por causa dos desastres naturais. Os cristãos estão eternamente seguros nas mãos de Deus porque no céu não haverá mais morte ou sofrimento. Enquanto isto, os cristãos vivem no mundo e, portanto, sofrem as consequências do pecado.

Desastres como castigo

A Bíblia raramente menciona uma ligação entre um determinado pecado e um desastre. Muitos dos profetas proclamaram desastres como sendo uma consequência da adoração de ídolos.

Um exemplo bem conhecido de quando Deus causou um desastre como uma forma de castigo é o dilúvio em Gênesis 6-8. Nesta passagem, o dilúvio é um castigo direto e universal sobre os seres humanos por causa do seu pecado. Depois do dilúvio, Deus prometeu não voltar a causar um desastre universal como aquele na terra, envolvendo a humanidade. Isto não significa que não haverá desastres naturais, mas sim que eles terão um impacto limitado.

Desastres como um chamado para voltar-se a Deus

Em Deuteronômio 28:15-68 encontramos um exemplo onde Deus ameaça causar um desastre para que as pessoas se voltem para Ele e o obedeçam. No livro de Jonas, lemos que Deus não destruiu a cidade de Nínive como disse que faria, porque depois da profecia de Jonas, as pessoas se arrependeram e se afastaram dos seus caminhos maus.

Apesar de, às vezes, Deus usar os desastres como uma forma de castigar os pecadores ou de fazer com que eles se voltem para Ele, não devemos esquecer que um dia todos nós (mesmo que nunca sejamos afetados por desastres naturais) seremos julgados por Deus. Portanto, os desastres fazem com que todos lembremos do mundo degradado em que vivemos e da necessidade de termos um relacionamento restaurado com o Criador.

ESTUDO BÍBLICO

Quem deve arrepender-se?

- Leia Lucas 13:1-5. Dois desastres são mencionados nesta passagem. Um diz respeito à morte dos galileus e o outro diz respeito à queda de uma torre sobre alguns habitantes de Siloé.
 - *As pessoas que foram mortas eram mais pecadoras do que as demais?*
- *O que Jesus está querendo dizer nesta passagem?*
- *De acordo com as palavras de Jesus, como devemos olhar para nós mesmos?*
- *Que diferença isto faz se formos tentados a dizer que um determinado desastre foi 'merecido' pelas pessoas afetadas?*

Desastres como um sinal

A Bíblia nos diz que os desastres continuarão acontecendo até que Jesus volte para restaurar completamente os relacionamentos.

ESTUDO BÍBLICO

Desastres como um sinal

- Leia Mateus 24:3-8.
 - *Os desastres são um sinal de quê?*
 - *Jesus está dizendo que os desastres acontecerão até que Ele volte. Já que não podemos interromper completamente os desastres, devemos simplesmente sentar e ficar olhando? Por quê? Quais passagens bíblicas nos ajudam a chegar a esta conclusão?*

1.2 A nossa resposta aos desastres

Quando os desastres acontecem, nem sempre é fácil ver as coisas desde a perspectiva de Deus. Talvez não possamos dizer por que os desastres acontecem, mas devemos sempre estar prontos a agir. Por exemplo, devemos:

- Confiar que Deus sabe o que está fazendo, permitindo que o desastre aconteça, e que Ele pode trazer algo bom através de situações adversas.
- Olhar para nós mesmos e avaliar o nosso relacionamento com Deus. Devemos analisar cuidadosamente como nós mesmos, as nossas igrejas e nações estão servindo ou não a Deus, e procurarmos endireitar as coisas. Devemos buscar o perdão de Deus, através de Jesus Cristo.
- Buscar formas de ajudar as pessoas afetadas pelo desastre (consulte os estudos bíblicos nas páginas 9 e 10).

- Buscar formas de evitar que os desastres aconteçam no futuro e, assim, diminuir sofrimentos desnecessários. Geralmente há poucas coisas que podemos fazer para interromper os desastres, mas podemos diminuir a vulnerabilidade das pessoas quanto a eles. Isto inclui questionar os relacionamentos desiguais e rompidos e manter valores bíblicos de compaixão, igualdade e justiça.

ESTUDO BÍBLICO

Alegria diante dos desastres

Os capítulos 1 e 2 do livro de Habacuque descrevem uma conversa entre o profeta e Deus sobre o futuro da nação de Judá.

- Leia Habacuque 3:1-2.
 - *O que aprendemos sobre o caráter de Deus?*
 - *Como isto deve orientar a maneira como oramos em situações difíceis?*
- *Leia do versículo 3 ao 15. Estes versículos descrevem, em linguagem poética, como Deus demonstrou a sua ira em ocasiões passadas.*
- *Leia do versículo 16 ao 18.*
 - *Qual é a reação de Habacuque ao desastre que estava para acontecer?*

- *Por que Habacuque está com receio?*
- *Por que, mesmo assim, ele ‘espera pacientemente’?*
- *O que significa ‘regozijar-se no Senhor’? Como isto se relaciona com o poder de Deus, assim como foi demonstrado nos versículos 3 a 15?*
- *Qual é a nossa reação à atitude positiva de Habacuque em momentos difíceis?*
- *O que podemos aprender através desta passagem?*
- *Temos facilidade em nos ‘regozijar no Senhor’ e confiar n’Ele em momentos difíceis? Como podemos incentivar uns aos outros neste sentido?*

ESTUDO BÍBLICO

Servindo nossas comunidades

- Os cristãos são chamados por Deus para servirem e abençoarem os que estão à sua volta. Consulte as seguintes passagens bíblicas:

| | |
|----------------|-----------------|
| Mateus 5:13-16 | Tiago 1:27 |
| Marcos 6:35-44 | Tiago 2:14-17 |
| Lucas 10:25-38 | 1 Pedro 3:8-17 |
| João 13:1-17 | 1 Pedro 3:10 |
| Atos 2:42-47 | 1 João 3:16-18. |

- *O que os cristãos são chamados a fazer nas suas comunidades?*
- *Por que eles são chamados a fazer estas coisas?*
- *Quais atividades isto poderá incluir em relação aos desastres?*
- Consulte Marcos 12:28-31; 1 João 4:10-21 e Mateus 5:43-45.
 - *Como a motivação cristã de ajudar os necessitados se diferencia da motivação das agências humanitárias seculares?*

Em Miquéias 6:8, encontramos uma motivação importante no sentido de levar compaixão depois de um desastre e fazer esforços para evitá-lo. O Senhor requer:

Um compromisso com a justiça

Freqüentemente, os desastres resultam de injustiças, além da ganância e das desigualdades. Através do trabalho de defesa e promoção de direitos, os cristãos podem confrontar estes relacionamentos injustos e fazer com que as pessoas fiquem menos vulneráveis aos desastres.

Amar a misericórdia Devemos ter compaixão pelos que estão sofrendo. Devemos ser misericordiosos para com as pessoas, independentemente da cultura, religião, sexo, idade ou capacidade que possuem, lembrando que todos têm o mesmo valor para Deus (Gênesis 1:27).

A igreja está bem posicionada para ajudar quando os desastres acontecem e para agir no sentido de diminuir a vulnerabilidade das pessoas às ameaças de desastres. Isto é porque a igreja está presente nas comunidades e os seus membros têm uma ampla variedade de habilidades e recursos necessários. As agências cristãs de assistência em situações de desastres devem trabalhar com as igrejas locais, pois elas poderão continuar o trabalho quando as mesmas se retirarem.

ESTUDO BÍBLICO

A igreja de Antioquia em ação

- Leia Atos 11:27-30. Uma fome foi predita através de uma profecia e a igreja de Antioquia decidiu enviar socorro aos cristãos na Judéia.
 - Como a igreja respondeu à fome?
 - O que podemos aprender através do exemplo da igreja de Antioquia, que prestou socorro durante o período de fome?
 - Há algo que possamos fazer agora para nos prepararmos para futuros desastres onde estamos ou em outros lugares?

REFLEXÃO

Os desastres geralmente fazem as pessoas pensarem no significado da vida e as levam a encontrar compreensão e conforto espiritual. Elas fazem perguntas como: 'O que aconteceu?', 'Por que isto aconteceu?', 'Existe um Deus amoroso?' e 'Por que Ele não interrompeu o desastre?' Deus costuma usar eventos como estes na vida das pessoas para mudar corações, mentes e vidas.

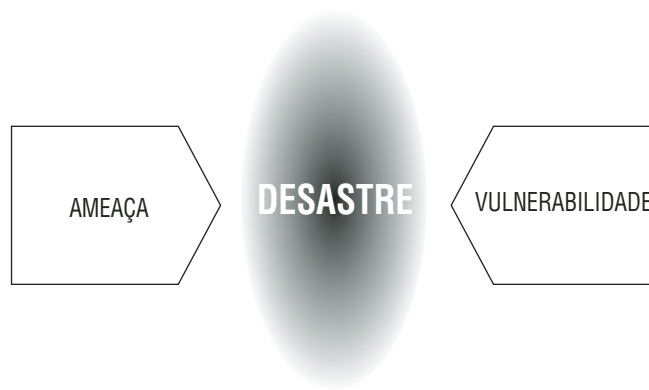
- Os desastres deveriam mudar a maneira pela qual realizamos o nosso trabalho? Como?
- Como podemos evitar de levar vantagem da vulnerabilidade das pessoas?
- Devemos esconder o fato de que somos cristãos quando estamos distribuindo ajuda? Devemos prestar ajuda a todas as pessoas afetadas, independentemente da religião que seguem. Isto é enfatizado no Código de Conduta da Cruz Vermelha, o qual é internacionalmente aceito.
- Como podemos ajudar as pessoas a compreenderem que não apoiamos somente os cristãos?

Teoria de desastres

Antes que um bom plano comunitário de gestão de desastres possa ser elaborado, é importante compreender o que é um desastre e quais são os riscos de desastres em um determinado lugar. Dois modelos que foram desenvolvidos para ajudar a compreender melhor os desastres são usados neste manual. O 'Modelo de Ebulição' explica o que é um desastre e porque ele acontece. O 'Modelo de Liberação de Pressões' considera como os desastres podem ser evitados ou minimizados.

2.1 O Modelo de Ebulição

O Modelo de Ebulição¹ nos mostra que um desastre acontece apenas quando uma ameaça se liga a uma situação vulnerável.



Uma ameaça é um evento que pode resultar não somente em perigo, mas também em perdas ou danos. Um terremoto é um exemplo disso. Um terremoto em uma determinada parte do mundo pode causar a perda de muitas vidas e a destruição de prédios, estradas e pontes. Porém, um terremoto da mesma intensidade em um outro país poderia causar uma devastação menor. Isto pode ser porque os prédios são mais fortes, as comunidades estão mais bem treinadas ou poucas pessoas vivem no local. Portanto, uma ameaça em si mesma não é um desastre. Apenas quando uma ameaça é associada a uma situação de vulnerabilidade que um desastre acontece.

As pessoas ficam vulneráveis quando são incapazes de adequadamente prever, resistir e se recuperar das ameaças de desastres. A pobreza contribui para a vulnerabilidade. É por isto que um terremoto pode causar um desastre em um país pobre e causar apenas um pequeno impacto em um país mais rico. No âmbito local, uma ameaça pode causar um desastre para as famílias pobres, enquanto as famílias ricas talvez não sejam afetadas na mesma proporção.

1 Os Modelos de Ebulição e de Liberação de Pressões foram adaptados a partir da publicação de Blaikie P, Cannon T, Davis I e Wisner B (1994) *At Risk: Natural Hazards, People's Vulnerability, and Disasters* London, Routledge (disponível apenas em inglês)

REFLEXÃO

- Que ameaças de desastres causadas pelo homem e de ordem natural ocorrem no nosso país?
- Estas ameaças de desastres acabam resultando em desastres para algumas pessoas ou regiões do país, mas exercem pouco impacto sobre as demais?
- Como o impacto das ameaças de desastres causadas pelo homem e de ordem natural no nosso país se diferencia do impacto em outros países da nossa região ou em outras partes do mundo? Por quê?
- Que ameaças de desastres causadas pelo homem e de ordem natural ocorrem na nossa região?

O Modelo de Ebulição é fundamentado na idéia de que uma variedade de fatores influencia a vulnerabilidade aos desastres.

**Elementos em risco**

A vida das pessoas depende de uma série de 'elementos', tais como casas, fontes de água, grupos e redes sociais, plantações, gado, economias, empregos e o meio ambiente. Se estes elementos estiverem vulneráveis, é mais provável que a ameaça cause danos aos mesmos. Eles são conhecidos como 'elementos em risco'.

REFLEXÃO

- Que elementos pessoais da nossa vida têm uma maior probabilidade de serem afetados por uma determinada ameaça de desastre?
- Que elementos comunitários têm uma maior probabilidade de serem afetados por uma determinada ameaça de desastre?

Condições vulneráveis

Alguns elementos ficam em risco porque são incapazes de resistir ao impacto de uma ameaça de desastre. Esta vulnerabilidade pode ser:

- **ECONÔMICA** tais como meios de sustento frágeis; falta de oportunidades de crédito e poupança
- **NATURAL** tais como a dependência em pouquíssimos recursos
- **ESTRUTURAL** tais como o design estrutural; casas localizadas em um morro instável
- **INDIVIDUAL** tais como a falta de habilidades ou conhecimentos; a falta de oportunidades causada pela questão de gênero; ser idoso ou jovem demais; viver com HIV ou AIDS
- **SOCIAL** tais como uma sociedade desorganizada ou fragmentada; liderança inapta.

Por exemplo, uma inundação pode danificar ou destruir casas construídas com barro e bambu. Portanto, este tipo de casas são elementos em risco. Para compreendermos a vulnerabilidade, precisamos perguntar por que os elementos estão em risco. Poderemos concluir que é devido à localização e construção das casas. Elas são atingidas pela inundação porque estão construídas em um terreno baixo. Elas são facilmente destruídas pela força da água porque foram construídas com materiais frágeis.

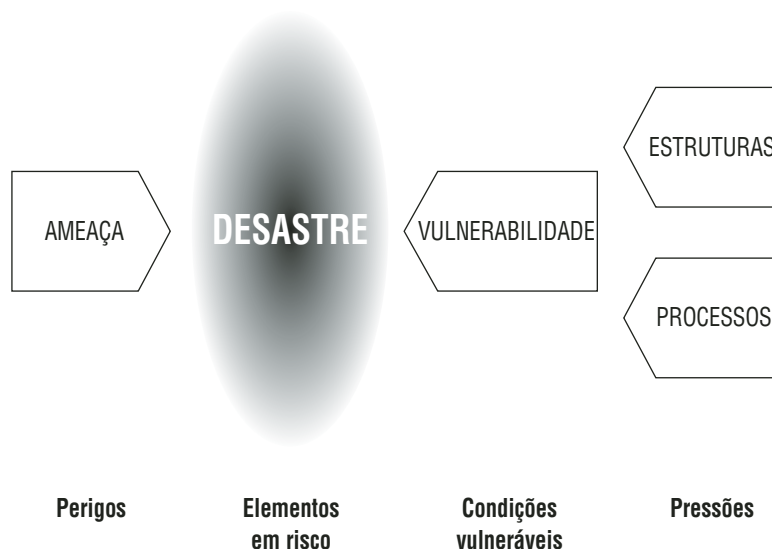
Comunidades, famílias e indivíduos não são afetados da mesma maneira por uma ameaça de desastre. Uma comunidade pode ser vulnerável de uma maneira diferente de outra devido à sua localização ou aos seus recursos. As famílias podem ser afetadas de maneiras diferentes, dependendo da renda ou da propriedade da terra. O gênero é uma questão importante. As mulheres costumam ser mais vulneráveis do que os homens porque ocupam uma posição social inferior em algumas sociedades. Por exemplo, as mulheres poderão receber menos informações sobre as ameaças de desastres do que os homens por não poderem ler. Consulte a Seção 5.3.

O HIV é incomum porque não é somente uma ameaça de desastre. Ele também pode fazer com que as famílias fiquem vulneráveis a outros perigos, tais como as inundações. Por exemplo, uma pessoa com HIV pode adoecer com frequência. Em relação a outras pessoas, ela poderá ter menos capacidade de escapar no caso de uma inundação.

REFLEXÃO

- Pense sobre um desastre recente. Quais elementos foram afetados e quais foram as condições vulneráveis que os colocaram em risco?

Portanto, o diagrama pode ser expandido para mostrar que uma série de pressões aumenta a vulnerabilidade.



Pressões

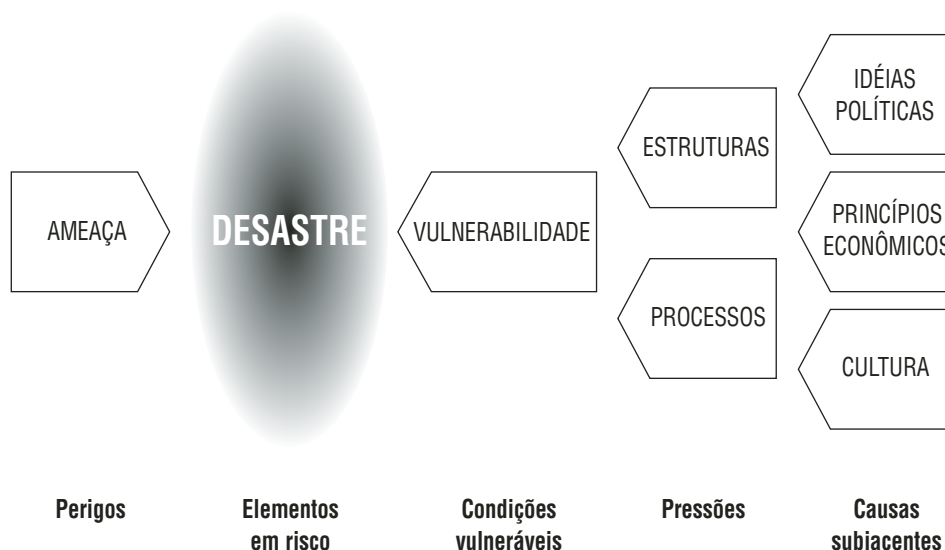
Existem condições vulneráveis porque pressões atuam sobre os indivíduos e as comunidades. Podemos não estar cientes destas pressões e geralmente elas são difíceis de serem confrontadas. As 'pressões' são estruturas e processos que criam condições vulneráveis. Precisamos identificar:

- quem é responsável por criar condições vulneráveis. Poderão ser organizações (tais como os departamentos do governo local, grupos religiosos ou empresas comerciais) ou indivíduos (tal como um proprietário de terras da região). Estes são conhecidos como **estruturas**.
- como, por exemplo, as estruturas afetam as condições vulneráveis através de políticas e práticas. Estas são conhecidas como **processos**.

REFLEXÃO

- Que estruturas criam condições vulneráveis em nossa região?
- Que processos criam condições vulneráveis em nossa região?

Várias causas subjacentes influenciam as pressões.



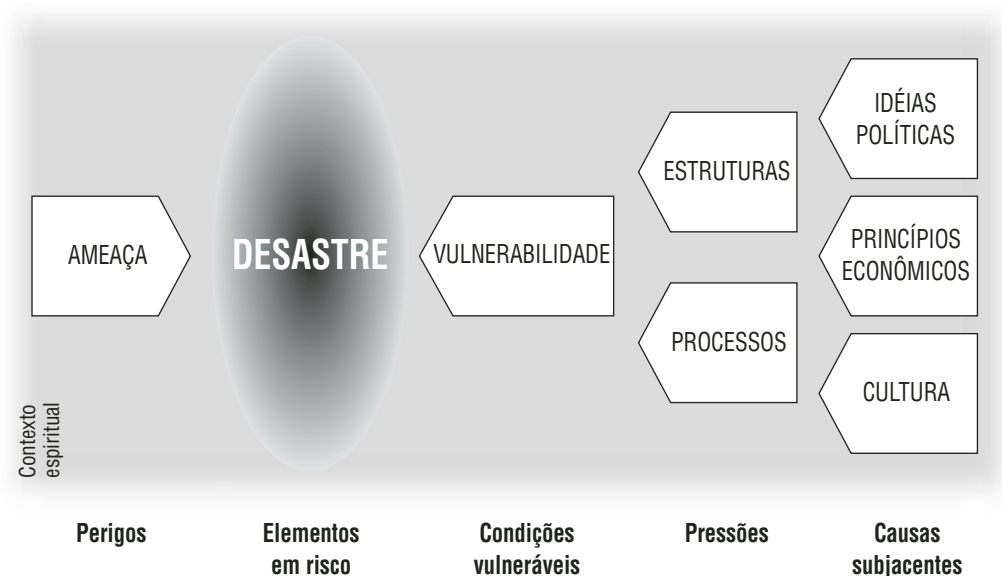
Causas subjacentes

As pressões são causadas e aumentadas por uma variedade de 'causas subjacentes' que incentivam aqueles que ocupam posições de poder a se comportarem de uma determinada maneira. Estas causas subjacentes podem ser idéias políticas, princípios econômicos ou causas geradas por questões culturais. A vulnerabilidade das pessoas no âmbito local geralmente pode ser vinculada a uma governabilidade ruim, à desigualdade, à ganância, à injustiça e aos preconceitos nos âmbitos local, nacional e internacional. Poderá parecer que estas questões estejam distantes da comunidade afetada, mas as mesmas podem exercer uma grande influência. Por exemplo, as decisões políticas sobre a reforma agrária podem fazer com que as pessoas percam as suas terras ou seu trabalho, tornando-as ainda mais vulneráveis às ameaças de desastres.

REFLEXÃO

- Que causas subjacentes levam as pessoas que ocupam posições de poder a atuarem da maneira que atuam na nossa região?

A estrutura completa está inserida em um contexto espiritual.



Contexto espiritual

O contexto espiritual depende de como nos relacionamos com Deus. Diz respeito à espiritualidade das pessoas e à presença das instituições religiosas no âmbito local ou nacional. Tem influência sobre as ações das pessoas e, portanto, a sua vulnerabilidade aos desastres. A igreja forma parte deste contexto espiritual. Há muitas maneiras em que a igreja pode ajudar a reduzir o nível de vulnerabilidade. Não obstante, em alguns lugares é possível que a igreja contribua para o aumento da vulnerabilidade. Por exemplo, os casamentos ou os enterros podem aumentar a vulnerabilidade econômica das pessoas quando acabam ficando muito caros.

REFLEXÃO

- Qual é contexto espiritual no qual vivemos?
- Como as convicções espirituais afetam a atitude das pessoas em relação aos desastres?
- Como as convicções espirituais afetam a atitude das pessoas em relação a outras pessoas em tempos de desastres?
- Existem práticas espirituais que aumentam a vulnerabilidade?
- De que maneira a igreja pode diminuir as vulnerabilidades da nossa comunidade?

EXEMPLO
Risco de desastres
em Bihar, na Índia

Os habitantes da zona rural de Bihar, na Índia, vivem em planícies inundadas. Eles enfrentam a **ameaça** de inundações todos os anos. Os **elementos em risco** são as casas. A localização destas casas é uma das **condições vulneráveis** que eles enfrentam. Uma solução seria mudar para uma região mais alta, longe da planície inundada. Porém, o sistema de castas determina as classes sociais e exerce uma grande **pressão**. Os proprietários das terras mais altas, membros de uma casta dominante superior, proíbem os habitantes das castas mais baixas de viverem nestas terras. Os habitantes das castas mais baixas não conseguem gerar uma renda suficiente para comprar terrenos próprios nas regiões mais altas. Portanto, o sistema de castas cria e mantém condições vulneráveis para os habitantes mais pobres. As convicções e a cultura da sociedade são as **causas subjacentes** do sistema de castas.



Foto: Caroline Irby, Tearfund

Um habitante de uma casta mais baixa trabalhando na planície inundada.

Este manual mostra como uma ferramenta conhecida como Avaliação Participativa do Risco de Desastres (APRD) pode ajudar as comunidades na identificação de medidas que reduzam o impacto dos desastres. Esta ferramenta usa componentes do Modelo de Ebulição (ameaças de desastres, elementos em risco, condições vulneráveis, pressões e causas subjacentes), usando-os como aspectos do processo de Avaliação.

2.2 O Modelo de Liberação de Pressões

Para reduzir o risco de desastres, deve-se lidar com os fatores que o criam. Isto significa que se deve atuar contra todos os componentes do Modelo de Ebulição. Talvez seja necessário atuar nos âmbitos local, nacional e até mesmo internacional.

O diagrama da página 18 mostra a ação que poderia ser tomada para reduzir o risco de desastres nas diferentes partes do Modelo de Ebulição.

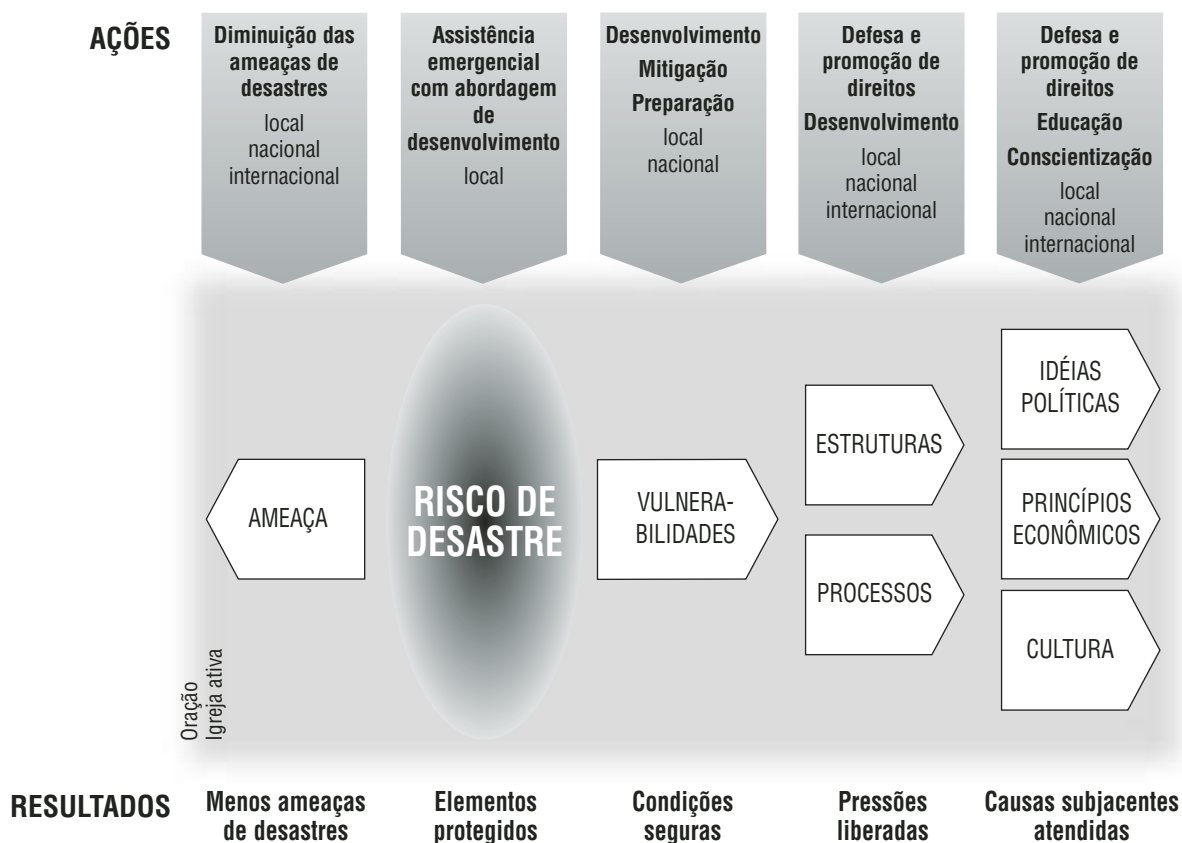
Explicação do diagrama

Menos ameaças de desastres

É possível encontrar formas de diminuir a ocorrência, frequência ou intensidade de várias ameaças de desastres. Por exemplo, para diminuir as inundações, alguns diques poderiam ser construídos. Algumas árvores poderiam ser plantadas para ajudar a interromper os deslizamentos de terra depois de chuvas fortes. O trabalho de defesa e promoção de direitos poderia ser usado para influenciar as políticas que limitam as mudanças climáticas, as quais estão intensificando a frequência e severidade de alguns desastres naturais. Os grupos vulneráveis devem ser incentivados a participar nos processos de tomada de decisão para garantir que as condições não piorem para as pessoas mais pobres e vulneráveis.

Elementos protegidos

Alguns elementos da comunidade poderão resistir ao impacto duma ameaça de desastre. Por exemplo, um poço artesiano poderá ter uma bomba em uma plataforma alta para que não seja afetado pelas inundações. Adotando-se abordagens de desenvolvimento no trabalho de assistência em situações de desastres é possível identificar estes elementos, procurar apoiá-los e copiá-los.



Condições seguras

Todas as pessoas vulneráveis têm virtudes, as quais podem ser usadas para reduzir o impacto de um desastre. Apesar de freqüentemente não serem totalmente compreendidas pelas pessoas de fora, estas virtudes são conhecidas como ‘capacidades’. Costuma-se pensar que os idosos são fragilizados pela falta de mobilidade e geralmente são tratados como pessoas vulneráveis. No entanto, ao considerarmos as capacidades existentes, podemos constatar que os idosos têm toda uma riqueza de conhecimentos tradicionais e uma boa compreensão das soluções que funcionaram bem ou fracassaram no passado. Eles podem ser vulneráveis em comparação às demais pessoas da comunidade, mas eles também têm capacidades que talvez os demais não possuam. Na ocorrência de um desastre, não se deve apenas atender às necessidades imediatas, mas também identificar e reforçar as capacidades. Antes que um desastre aconteça, o risco de desastres poderá ser reduzido, identificando e apoiando as capacidades existentes.

Pressões liberadas

Nem todas as estruturas e processos funcionarão de uma forma negativa e que criem ou aumentem as vulnerabilidades. Alguns deles, tais como uma ONG, a igreja, um bom líder local ou um político popular, poderão trabalhar para fortalecer a comunidade e poderão ser uma importante fonte de apoio em tempos de desastres. Estas pessoas poderão nos ajudar a fazer um trabalho eficaz de defesa e promoção de direitos destinado a liberar as pressões negativas.

Causas subjacentes atendidas

Algumas estruturas e processos podem ajudar a diminuir o risco de desastres porque os seus valores e abordagens políticas e econômicas são justos. Para incentivar estes valores no meio de pressões negativas, podemos fazer a defesa e a promoção de direitos. A igreja pode exercer um papel importante neste processo.

Todas estas abordagens devem ser fundamentadas em uma avaliação minuciosa do risco de desastres presente no âmbito local. As pessoas ficam menos vulneráveis quando trabalham juntas na identificação e priorização dos riscos e na elaboração de um programa de atividades voltado à diminuição de tais riscos. A ferramenta Avaliação Participativa do Risco de Desastres (APRD) pode ser usada para capacitar as pessoas na identificação dos riscos que enfrentam e na busca de maneiras de reduzi-los.

Contexto espiritual

O contexto espiritual pode exercer grande influência sobre as capacidades e reduzir o risco de desastres. A oração e a igreja, sendo ativa e atenciosa, devem exercer um papel essencial.

Introdução à Avaliação Participativa do Risco de Desastres

Esta seção avalia como os Modelos de Ebulição e de Liberação de Pressões podem ser transformados em uma ferramenta prática conhecida como Avaliação Participativa do Risco de Desastres (APRD). Componentes do modelo (ameaças de desastres, elementos em risco, condições vulneráveis, pressões e causas subjacentes) passam a ser estágios no processo de Avaliação.

Os principais passos são:

- preparação
- levantamento de ameaças de desastres
- levantamento de vulnerabilidades
- levantamento de capacidades
- entrevistas com informantes-chave
- planejamento de ações.

Usando esta abordagem, os moradores podem fazer um levantamento completo do risco de desastres, podendo ser reduzido de forma eficaz através de uma variedade de atividades. Os principais passos da ferramenta APRD são explicados na Seção 4. Nesta seção, consideramos duas questões importantes que são essenciais no processo de aplicação da ferramenta APRD:

- boa facilitação
- compreensão das categorias de análise, as quais formam a base dos levantamentos de vulnerabilidades e capacidades.

3.1 Boa facilitação

A aplicação da ferramenta APRD requer uma boa facilitação para que os moradores se apropriem dela. Isto inclui:

- a identificação de quem deverá facilitar
- a consideração de questões de facilitação
- a consideração de habilidades de facilitação.

A equipe de facilitação

O propósito da equipe de facilitação é criar condições para que os moradores façam a Avaliação. A equipe precisará ter pelo menos três pessoas:

- um facilitador que possa liderar as discussões
- alguém que possa fazer anotações precisas sobre as discussões e os planos
- alguém que possa cuidar dos preparativos.

Poderá ser útil ter mais de um facilitador para que diferentes grupos focais possam se reunir ao mesmo tempo. Se o facilitador fizer parte do quadro de funcionários de uma organização de desenvolvimento, talvez seja necessário usar uma pessoa para explicar o significado de algumas palavras e conceitos.

A equipe de facilitação deverá ser composta de homens e mulheres. É especialmente importante ter uma facilitadora durante as reuniões com os grupos de senhoras para estimular discussões abertas e honestas sobre as questões.

A igreja local poderá servir os moradores de uma forma prática, envolvendo-se neste processo. Se for apropriado, os membros da igreja com condições de serem facilitadores deverão fazer parte da equipe de facilitação.

A equipe de facilitação deverá ser composta de no máximo seis pessoas. É proveitoso que alguns facilitadores sejam da região, visto que isto ajudará a comunidade a se envolver mais no processo. Isto também ajudará a lidar com as expectativas, que poderão se tornar demasiadamente grandes, se muitas pessoas de fora se envolverem no processo. Os moradores têm muito a contribuir com a equipe de facilitação – eles saberão que métodos funcionarão ou não.

Os moradores que fizerem parte da equipe de facilitação deverão estar dispostos a permanecer neutros durante as discussões dos grupos focais. Os facilitadores locais potenciais já poderão ter demonstrado habilidades na área de facilitação de discussões. Outros poderão demonstrar o potencial de serem bons facilitadores e poderão ser treinados durante o processo de aplicação da ferramenta APRD. Estas pessoas devem ser incluídas na equipe de facilitação desde o início do processo. Porém, inicialmente talvez elas queiram observar outras pessoas facilitando os exercícios de um grupo focal antes de assumirem esta responsabilidade. É importante que os facilitadores experientes façam críticas construtivas a estes novos facilitadores.

Será necessário que a pessoa responsável por fazer as anotações seja alfabetizada. Geralmente é melhor que uma pessoa da região se encarregue dos preparativos, pois os conhecimentos locais que ela possui poderão ser úteis na hora de decidir onde e quando realizar as reuniões dos grupos focais.

Questões de facilitação

Os facilitadores deverão reservar um tempo para ler este manual por completo e pelo menos uma vez. Dessa forma, eles poderão compreender bem a teoria e como fazer a Avaliação.

É importante estar ciente de duas questões-chave que poderão afetar os resultados do processo:

- dependência na assistência emergencial
- capacidade de lidar com questões delicadas.

Dependência na assistência emergencial

Nos lugares onde muita assistência emergencial tenha sido prestada depois de um desastre, poderá surgir uma certa 'dependência'. Isto poderá acontecer se a assistência emergencial for excessiva ou prestada sem identificar as capacidades das próprias pessoas de lidar com a situação. As agências humanitárias podem tratar os beneficiários como se fossem vítimas desamparadas e permitir que os mesmos participem pouco nos processos de tomada de decisão, ao invés de tratá-los como sobreviventes com virtudes e habilidades.

Quando as pessoas se acostumam a receber assistência de pessoas de fora, elas podem exagerar a proporção das suas vulnerabilidades e minimizar as suas capacidades para que recebam o máximo possível em termos de apoio e recursos. As informações que surpreenderem poderão ser verificadas, fazendo-se perguntas aos demais moradores ou organizações que trabalham na

região. Os resultados poderão ser comparados e verificados. O facilitador precisará ser sábio durante o andamento da Avaliação. O facilitador deverá reforçar o desejo das pessoas de se desenvolverem, sem que se tornem dependentes da ajuda externa.

Capacidade de lidar com questões delicadas

Expor e debater as vulnerabilidades das pessoas é uma questão delicada. Se não for colocada uma ênfase suficiente nas capacidades que as pessoas possuem, o processo de aplicação da ferramenta APRD poderá enfatizar as debilidades de uma forma demasiada. Isto poderá ser desempoderador e causar sofrimentos, trazendo à tona os eventos traumáticos do passado. As discussões sobre as causas subjacentes das vulnerabilidades das pessoas poderão ser dificultadas se forem feitas referências a determinadas pessoas que ocupam posições de poder ou aos sistemas tradicionais de convicções.

Se a aplicação da ferramenta APRD não for bem facilitada, ela poderá causar uma das seguintes reações:

- uma **atitude fatalista** na qual as pessoas pobres e marginalizadas começam a acreditar que a vulnerabilidade que enfrentam deve ser algo permanente. Um facilitador cristão poderá compartilhar uma perspectiva diferente – que as pessoas pobres e marginalizadas são valiosas para Deus e que todos têm habilidades e potencial. Isto dá esperança para o futuro.
- **maior tensão** entre as pessoas vulneráveis e aquelas que são identificadas como sendo as que criam ou ignoram as vulnerabilidades das mesmas. O facilitador poderá ajudar o grupo a pensar em situações nas quais estas pessoas são ou foram úteis e a considerar o que influencia as decisões boas ou ruins que elas tomam.

Habilidades de facilitação

O objetivo do processo de aplicação da ferramenta APRD é ajudar as pessoas a compreenderem melhor as suas vulnerabilidades e capacidades para que, assim, elas possam desenvolver abordagens positivas no sentido de melhorar a situação em que se encontram. Os facilitadores devem evitar a tentação de extrair informações dos moradores e tomar decisões por eles. Ao invés disso, os facilitadores devem se esforçar no sentido de capacitar os moradores no sentido de diminuir os seus próprios riscos de desastres.

As pessoas poderão ter percepções bem diferentes dos riscos, dependendo do seu gênero, recursos, idade, educação, ocupação e posição social. Os facilitadores devem ter uma mente aberta e não impor as suas próprias idéias.

Princípios importantes

Seguindo alguns princípios importantes, a apropriação local do processo de aplicação da ferramenta APRD poderá ser incentivada:

- O propósito da ferramenta APRD deve ser explicado aos moradores e ter a acórdância deles.
- O processo deve ser executado com respeito e sensibilidade.
- O processo de avaliação é tão importante quanto o produto ou o resultado. Invista tempo para que o processo seja o mais participativo possível.
- Quando for possível, os grupos focais deverão ser formados por pessoas com características semelhantes, tais como idade, sexo, ocupação ou etnia.
- Os dinamizadores ou as ‘atividades de quebra-gelo’ no início das reuniões dos grupos focais poderão ajudar as pessoas a ficarem à vontade com os facilitadores e as demais pessoas.

- As perguntas deverão ser abertas para incentivar as discussões. Porém, certifique-se que as discussões não se desviem do propósito.
- As informações obtidas deverão ser analisadas com os moradores.
- Não se deve presumir que as pessoas sejam alfabetizadas. As Ferramentas Participativas de Aprendizagem e Ação permitem que as pessoas não alfabetizadas participem na coleta e análise das informações.
- As questões delicadas deverão ser tratadas cuidadosamente e de uma forma apropriada.
- O processo poderá identificar formas econômicas de diminuir as vulnerabilidades. As comunidades poderão ser empoderadas se forem incentivadas a começar a partir destas formas, depois de concluído o passo de planejamento de ações.

Ao facilitar reuniões com os membros das comunidades, as seguintes idéias poderão ser úteis:

| SIM | NÃO |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ■ Reserve um tempo para as apresentações e explicações ■ Demonstre respeito ■ Observe, ouça, aprenda e demonstre interesse ■ Seja sensível aos sentimentos e à cultura das pessoas ■ Esteja preparado, mas seja flexível ■ Seja criativo ■ Demonstre senso de humor ■ Esteja disposto a permitir que os membros da comunidade assumam a liderança | <ul style="list-style-type: none"> ■ Ensine ■ Tenha pressa ■ Dê uma palestra ■ Critique ■ Interrompa ■ Domine ■ Pareça entediado ■ Ignore normas culturais ■ Ria das idéias dos demais |

3.2 Categorias de análise

A ferramenta APRD usa cinco ‘categorias de análise’. As cinco categorias se relacionam com diferentes tipos de recursos. Um recurso é algo que pode ser usado para aumentar o bem-estar. Estas categorias reconhecem que as ameaças de desastres afetam diferentes aspectos da vida. Ao usar estas categorias, podemos assegurar que todos os aspectos ligados às vulnerabilidades e capacidades sejam avaliados. Isto significa que as preferências do facilitador ou de pessoas que ocupam posições de poder não deverão dominar o processo. Por exemplo, poderá ser tentador para um facilitador experiente no trabalho social ignorar aspectos estruturais e físicos positivos e negativos. Uma pessoa com experiência em engenharia talvez não preste atenção nas habilidades e conhecimentos disponíveis localmente.

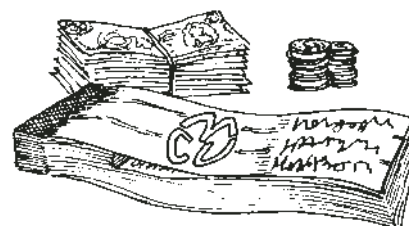
Talvez o facilitador ache útil começar as discussões com os grupos focais na ordem sugerida neste manual. Porém, apesar desta ordem ser lógica e permitir que as discussões sejam conduzidas naturalmente de uma categoria para a outra, talvez o facilitador precise ser flexível e responder de acordo com as discussões do grupo. Isto se deve em parte ao fato de que as categorias estão relacionadas umas com as outras. O facilitador deverá se concentrar no objetivo geral do processo – encontrar formas de diminuir o risco de desastres – ao invés de necessariamente seguir a seqüência exata do processo em si.

As cinco categorias de análise são:

| ECONÔMICA | NATURAL | ESTRUTURAL | INDIVIDUAL | SOCIAL |
|---|--|---|---|--|
| tais como a renda, as economias, os empréstimos | tais como o solo, as florestas, a água | tais como as moradias, os poços, as ferramentas | tais como as pessoas, os conhecimentos, a saúde, as habilidades | tais como os relacionamentos, os comitês, as redes |

Recursos econômicos

Estes recursos dizem respeito aos gastos e à renda familiar e aos bens que podem ser transformados em dinheiro. Em alguns países, por exemplo, uma jóia é um recurso econômico que pode ser negociado ou vendido quando a família precisa de dinheiro. A criação de gado também é uma forma de economizar em alguns países. No âmbito local, as oportunidades para economizar e obter crédito são recursos econômicos. Uma discussão sobre recursos econômicos geralmente define o contexto para as outras categorias, pois as pessoas naturalmente começam a discuti-las.



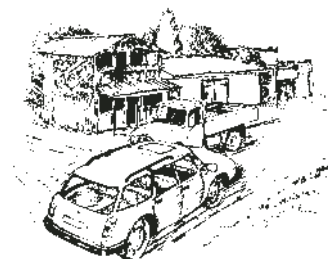
Recursos naturais

Estes recursos incluem as florestas, os rios, as áreas de pastagem e as frutas silvestres. A discussão deve ser se estes recursos existem na região e quem tem acesso aos mesmos. As tendências em qualidade e disponibilidade, tais como o desmatamento ou a diminuição do lençol freático, deverão ser avaliadas.



Recursos estruturais

Os recursos estruturais são criados pelo homem e incluem a infra-estrutura básica, tal como casas, estradas, escolas, hospitais, cabos de eletricidade e poços. Eles também incluem as ferramentas e os equipamentos que as pessoas usam nas atividades produtivas, tal como um arado. A infra-estrutura geralmente é diretamente administrada pelo governo, enquanto as ferramentas e os equipamentos geralmente pertencem às pessoas e são administrados de forma privada.



Recursos individuais

Estes recursos incluem as habilidades, os conhecimentos e a capacidade das pessoas para trabalhar, além da saúde física. O tamanho do domicílio pode afetar estes recursos. Por exemplo, um domicílio com muitas crianças pequenas poderá ter menos adultos com condições de trabalhar devido à responsabilidade de cuidar das crianças.

As pessoas geralmente fazem uso dos seus recursos individuais para fazer o melhor uso possível dos recursos nas outras categorias. Por exemplo, elas poderão ter conhecimentos tradicionais sobre métodos agrícolas ou plantas silvestres comestíveis, o que aumenta o uso dos recursos estruturais ou naturais. As pessoas têm as suas próprias convicções espirituais que podem afetar a sua própria vulnerabilidade ou capacidade ou as de outros.

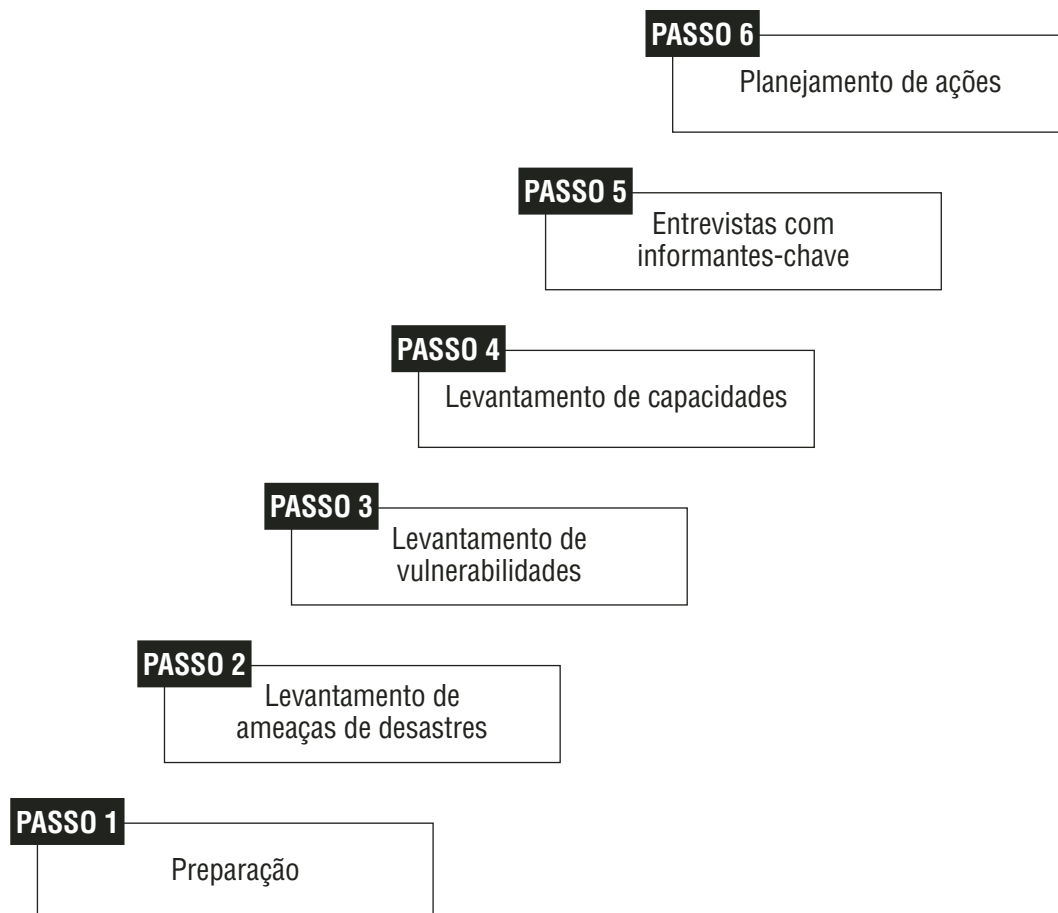
**Recursos sociais**

Estes recursos consistem de relacionamentos e redes que existem na comunidade e com as pessoas de fora. Eles exercem uma importante influência sobre os níveis de vulnerabilidade e capacidade, mas geralmente são negligenciados. A família mais ampla é um recurso importante desta categoria, seguida de perto pelas questões de liderança e pela capacidade de resolver disputas. O fato de pertencer a uma rede poderá aumentar a capacidade de uma pessoa de acessar informações, tal como uma cooperativa agrícola que presta informações sobre os preços de mercado. Os bons relacionamentos podem levar à cooperação e ao compartilhamento de recursos.

Os recursos sociais podem contribuir ao bem-estar das pessoas, fortalecendo a identidade, o amor próprio e o sentido de pertencimento. No entanto, a exclusão de grupos pode ser uma forte pressão que afeta o nível de vulnerabilidade. As convicções espirituais de uma pessoa podem influenciar os seus relacionamentos.



Os seis passos da Avaliação Participativa do Risco de Desastres



A ferramenta APRD é um processo que inclui seis passos. A preparação deve sempre ser feita em primeiro lugar. O levantamento de vulnerabilidades só pode ser feito depois do levantamento das ameaças de desastres, pois as vulnerabilidades das pessoas se relacionam a ameaças específicas. O planejamento de ações deve ser feito por último, uma vez que todos os outros passos tenham sido tomados. No entanto, dentro destas limitações, os passos poderão variar. Por exemplo, poderá ser útil que os grupos focais discutam as capacidades ao mesmo tempo que as vulnerabilidades, ao invés de fazer isto posteriormente. Algumas entrevistas com informantes-chave poderão ser feitas em diferentes momentos durante o processo.

A ferramenta APRD tem por objetivo capacitar as partes interessadas (moradores, equipe de facilitação e informantes-chave) a:

- compreender os riscos e as causas das vulnerabilidades enfrentadas pelos moradores
- compreender as capacidades locais
- identificar as atividades que serão realizadas para reduzir o risco de desastres.

PASSO 1 **Preparação**

Antes de começar o processo de Avaliação, a equipe de facilitação deverá fazer o seguinte:

- 1 Reunir-se com os líderes comunitários e das igrejas
- 2 Preparar-se para o trabalho de campo
- 3 Aprender sobre as ferramentas participativas e praticá-las
- 4 Fazer os preparativos
- 5 Apresentar a ferramenta APRD à comunidade.

1 **Reunir-se com os líderes comunitários e das igrejas**

Um plano de aplicação da ferramenta APRD deverá ser elaborado em consulta com a comunidade, especialmente com os seus líderes. Para que o processo seja bem sucedido e se obtenham bons resultados no futuro, é muito importante que os líderes compreendam e se apropriem dele. Também é importante obter o máximo apoio possível do governo. Por isto, pode ser conveniente convidar funcionários do governo para participar neste e em outros passos apropriados de todo o processo.

Organize uma reunião com os líderes comunitários e das igrejas. A reunião deverá incluir:

- **APRESENTAÇÕES** Os líderes comunitários, os líderes das igrejas e a equipe de facilitação deverão se apresentar.
- **PROPÓSITO** Explique o que a Avaliação poderá oferecer aos moradores para ajudá-los na diminuição dos riscos. Explique brevemente do que consiste o processo, assim como a relação entre as ameaças de desastres e as vulnerabilidades. Mencione que o processo inclui aspectos de avaliação e ações concretas. Peça permissão para realizar este trabalho na região e contatar vários grupos.
- **DESCOBRINDO** algumas informações gerais sobre a comunidade:
 - **História** Quando a comunidade foi formada? Quais eventos e mudanças significativas ocorreram?
 - **Meios de sustento** Quais atividades econômicas são realizadas na região e como elas foram alteradas ao longo do tempo?
 - **População** A comunidade tem quantos habitantes? A população está aumentando ou diminuindo? As pessoas estão migrando?
 - **Ricos e pobres** Como os 'ricos' e os 'pobres' são definidos pelos moradores?
 - **Ameaças e desastres** As ameaças e as suas características têm mudado com o tempo?
 - **Vulnerabilidade** Quem são as pessoas mais necessitadas, especialmente nas épocas de crise? Por que elas sofrem mais do que as outras?
 - **Liderança** Pergunte sobre o papel dos líderes comunitários e das igrejas, sobre o sistema de governo da região e como as decisões são tomadas.
 - **Caminhada** Se houver tempo, poderá ser útil que os líderes comunitários e das igrejas façam uma caminhada com a equipe de facilitação na região, mencionando fatores significativos.

- Se os líderes concordarem com a aplicação da ferramenta APRD nas comunidades, peça para que eles identifiquem pessoas que possam formar os grupos focais e identifiquem os informantes-chave.
- Prepare um rascunho do cronograma de aplicação da ferramenta APRD com o apoio dos líderes comunitários e das igrejas. O cronograma deverá incluir todos os seis passos. É muito importante que haja tempo suficiente, durante cada um dos passos, para reunir e analisar as informações. Aproximadamente a metade do tempo disponível deverá ser usada para a análise, a qual inclui discussões e a priorização dos resultados.

Assegure-se que qualquer fator que possa limitar a disponibilidade dos moradores seja levado em consideração, tal como:

- dias de mercado / feira
- festivais
- clima (colher antes do mau tempo, por exemplo)
- eleições
- insegurança.

O tempo necessário para aplicar a ferramenta APRD varia de acordo com o contexto, o tamanho da equipe de facilitação, a estrutura da comunidade e o número de grupos focais.

Com o propósito de preparar os membros das igrejas para a Avaliação, os líderes das igrejas poderão incentivar os membros a fazerem os estudos bíblicos da página 8.

2 Preparar-se para o trabalho de campo

Identifique os grupos focais

As vulnerabilidades e capacidades serão diferentes entre os diferentes grupos de uma determinada comunidade. Até mesmo dentro dos grupos, as pessoas enfrentam diferentes tipos de vulnerabilidade e possuem diferentes capacidades. Portanto, as percepções do risco de desastres poderão variar. No entanto, não é prático reunir-se com todos os moradores. A melhor alternativa é reunir-se com algumas pessoas, em grupos focais. Estes grupos focais consistem de membros da comunidade com características semelhantes.

Ao formar os grupos focais, considere como os diferentes grupos de moradores estão sujeitos a serem afetados pelos desastres. Os líderes comunitários poderão ajudar, identificando pessoas específicas que possam formar os grupos focais. Os grupos poderão consistir de:

- mulheres
- homens
- idosos(as)
- jovens
- grupos específicos, como comitês de usuários de água, grupos de auto-ajuda ou de igrejas
- grupos com ocupações semelhantes, como agricultores ou operários. Estes grupos poderão ser divididos ainda mais, de acordo com a quantidade de recursos de cada um.
- aqueles que pertencem a um determinado contexto social, de acordo com a sua casta ou classe social.

O tamanho de cada grupo deverá ser cuidadosamente administrado. Um grupo com dez ou doze pessoas costuma contar com uma boa representação das diferentes opiniões dos moradores. Em um grupo maior, poderá ser difícil manter o enfoque desejado. Será necessário planejar bem o local onde as reuniões serão feitas. Os lugares silenciosos, onde é improvável que as reuniões sejam interrompidas, são os melhores. No entanto, o lugar selecionado deverá ser acessível aos membros dos grupos focais. Um prédio de uma igreja ou de um centro comunitário poderá ser um bom lugar. Um grupo focal formado por mulheres poderá decidir se reunir ao lado de um poço, onde costumam conversar, distantes dos homens.

Durante reuniões como estas, talvez fique claro que determinadas pessoas precisarão ser entrevistadas separadamente. Por exemplo, algumas pessoas poderão fazer uma maior contribuição do que a que foi feita em um grupo focal. Uma pessoa com deficiência talvez não possa ir à reunião do grupo focal ou haja dificuldades para a sua participação, mas ela poderá ter opiniões valiosas para compartilhar.

Considere os informantes-chave potenciais

Para compreender bem as vulnerabilidades e capacidades, será necessário conversar com pessoas que tenham diferentes perspectivas, níveis de conhecimento e compreensão em relação à maioria. É provável que elas sejam de fora da comunidade ou que ocupem posições de poder e influência. Os líderes comunitários poderão ter identificado alguns destes informantes. Outros informantes-chave poderão ser identificados pelos grupos focais durante o levantamento de vulnerabilidades. É importante conversar com os informantes-chave antes do planejamento de ações, durante o PASSO 6. As entrevistas com os informantes-chave poderão ser feitas depois dos levantamentos de vulnerabilidades e capacidades, ou no período entre os dois. Entre os informantes-chave poderão estar:

- funcionários do governo local
- proprietários de terras
- empregadores
- outros líderes comunitários da região
- líderes religiosos
- professores de escolas
- pessoal médico (médicos ou sanitaristas)
- funcionários do governo da área de agricultura ou pecuária
- ONGs da região
- funcionários da ONU que trabalham na região.

Cronograma

É importante saber se as pessoas estarão disponíveis antes de definir um cronograma detalhado. Os líderes comunitários terão ajudado a preparar um rascunho do cronograma. Talvez seja útil conversar sobre o cronograma proposto com alguns moradores, especialmente para verificar se a rotina diária e de trabalho dos mesmos não afetará a possibilidade deles participarem na Avaliação. As reuniões dos grupos focais, para cada um dos passos da Avaliação, provavelmente vão durar entre duas e três horas. No entanto, o tempo necessário para cumprir cada um dos passos geralmente aumenta com o maior interesse e entusiasmo dos membros dos grupos pelo processo.

Preparando perguntas

GRUPOS FOCAIS Deverão ser preparadas algumas perguntas norteadoras, baseadas na ferramenta APRD, para os grupos focais, antes que as reuniões sejam feitas com eles. Alguns exemplos de perguntas poderão ser encontrados na Seção 4, no Passo 3. Estas perguntas deverão ser usadas como idéias para discussão e não como uma forma rígida e inflexível de entrevista. As perguntas deverão ser adaptadas às necessidades dos grupos focais específicos, visto que diferentes grupos terão diferentes interesses e experiências. O facilitador deverá identificar e fazer referência a estas perspectivas e opiniões.

INFORMANTES-CHAVE É necessário pensar sobre o trabalho a ser feito e prepará-lo cuidadosamente antes das reuniões com os informantes-chave. Também será útil preparar as perguntas antecipadamente. Alguns exemplos de perguntas poderão ser encontrados na página 54, mas deverão ser adaptadas e baseadas nos resultados provenientes dos grupos focais.

O propósito das reuniões é adquirir uma maior compreensão das perspectivas dos informantes-chave sobre as vulnerabilidades e capacidades em relação a uma determinada ameaça de desastre. Observe que alguns informantes-chave poderão atuar como 'pressões', criando condições vulneráveis. Neste caso, a cooperação dos mesmos é importante, pois poderá ser necessária no trabalho de redução do risco de desastres a longo prazo.

3 Aprender sobre as ferramentas participativas e praticá-las

O sucesso da ferramenta APRD no sentido de causar uma redução no risco de desastres depende muito do compromisso dos moradores em desenvolver e iniciar as ações. O uso correto das ferramentas participativas ajudará a alcançar isto, pois haverá uma aprendizagem e um desenvolvimento compartilhados. Os facilitadores deverão reservar um tempo para aprender sobre as ferramentas participativas, além de adaptá-las e praticá-las. Decida cuidadosamente qual ferramenta deverá ser usada para os diferentes passos durante o processo. Algumas sugestões poderão ser encontradas na página 32.

O facilitador deverá apresentar as ferramentas a serem usadas pelos grupos, mas os seus membros deverão ficar responsáveis pela realização das atividades. As ferramentas poderão trazer à tona informações muito diferentes se forem usadas por grupos distintos, de acordo com a idade, gênero, ocupação ou etnia, por exemplo.

ESTUDO DE CASO Desenhando mapas de ameaças de desastres na Indonésia

Em Banda Aceh, na Indonésia, depois do tsunami, três grupos focais desenharam mapas de ameaças de desastres relacionadas à região onde vivem. Apenas as mulheres desenharam as lojas, apenas os homens desenharam o local de um depósito e apenas as crianças desenharam os parques de diversão. Isto mostra que as pessoas com diferentes características têm diferentes perspectivas sobre o que elas consideram importante.

Mapa desenhado pelas mulheres em Banda Aceh.



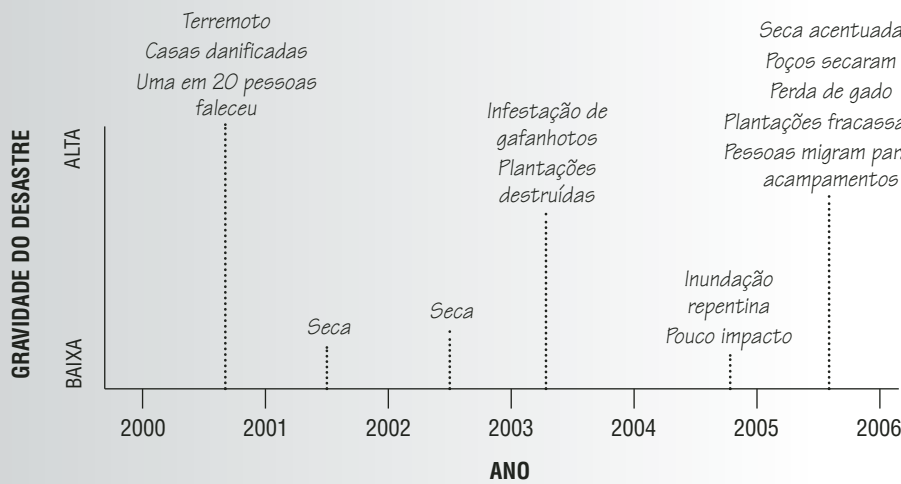
Foto: Paul Venton



Algumas ferramentas participativas que poderão ser úteis na aplicação da ferramenta APRD...

LINHA DO TEMPO

Esta ferramenta é usada para reunir informações sobre o que aconteceu no passado e, assim, compreender a situação atual.



DRAMATIZAÇÃO

Você poderá pedir para que as pessoas dramatizem uma situação de desastre, mostrando os que são afetados e o que foi danificado. Elas poderão mostrar como os moradores se preparam para determinadas ameaças de desastres e respondem às mesmas.

CANÇÕES POPULARES, CONTOS, POESIAS

Eles poderão revelar conhecimentos, convicções e práticas locais.

MAPEAMENTO

Através desta ferramenta, é possível desenhar as principais características e os pontos de referência, como um mapa. O mapa poderá incluir casas e espaços comunitários vulneráveis a determinadas ameaças de desastres e a localização de recursos importantes no caso de uma emergência. Os mapas poderão ser desenhados no chão, usando varas, folhas e pedras, com giz em um quadro negro ou com canetas ou lápis em uma folha ou pedaço grande de papel.



CATEGORIZAÇÃO

Esta ferramenta considera as percepções das pessoas sobre os riscos e ajuda a compreender as prioridades das mesmas. Uma maneira de fazer isto é escrever ou desenhar os riscos em diferentes sacos de papel. Entregue seis sementes, pedras, miçangas ou tampinhas de garrafa para cada pessoa, para serem usadas como contadores. Alternadamente, cada uma das pessoas deverá colocar os seus contadores nos sacos de papel apropriados, de acordo com as suas prioridades. Elas deverão colocar três contadores para a primeira prioridade, dois contadores para a segunda e um contador para a terceira. Em seguida, os contadores em cada um dos sacos deverão ser contados e os resultados deverão ser anunciados. Uma outra maneira de categorizar as prioridades é escrever ou desenhar os riscos em cartões e pedir para que o grupo os priorizem juntos, reordenando-os e colocando as maiores prioridades na parte superior.

CAMINHADAS TRANSVERSAIS

Trata-se de uma caminhada programada pela região para descobrir como a terra está sendo utilizada (ex. para atividades econômicas ou agrícolas, espaços livres ou moradias) enquanto se fazem anotações, se tiram fotos e se fazem perguntas.

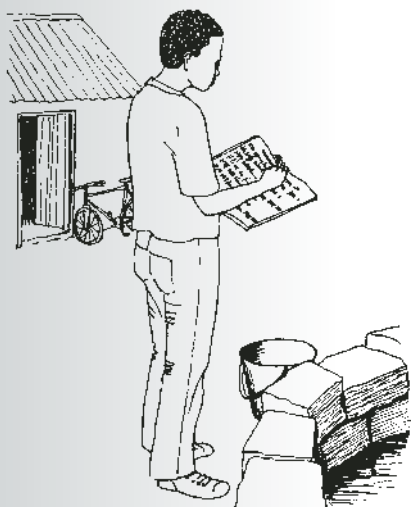
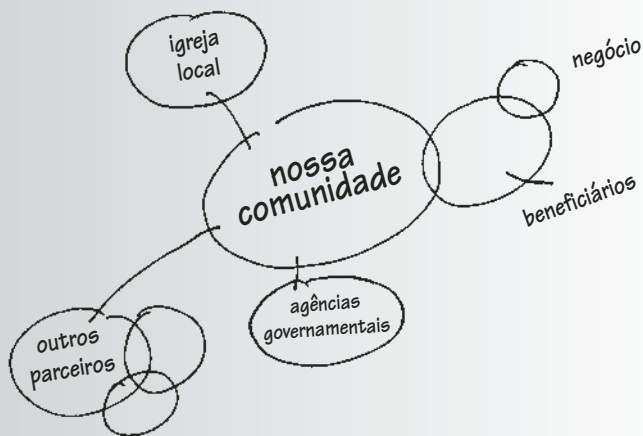


DIAGRAMA DE VENN

Esta ferramenta mostra as principais organizações e pessoas da região e como elas se relacionam umas com as outras.



OBSERVAÇÃO DIRETA

Ao observarmos as pessoas, os relacionamentos, os objetos, as estruturas, os eventos e os processos, podemos começar a formar um quadro das questões comunitárias.

CALENDÁRIO SAZONAL

Esta ferramenta mostra quando as atividades agrícolas, os festivais e outros eventos significativos são realizados na região. As ameaças de desastres poderão ser acrescentadas ao quadro para mostrar quais atividades serão afetadas.

| | | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|----------------------|---------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Ameaças de desastres | INUNDAÇÕES | | | | | | | █ | █ | | | | |
| | EROSÃO DO SOLO | | | | | | █ | █ | █ | | | | |
| | MALÁRIA | | | | | | | | █ | █ | █ | | |
| Atividades | CULTIVO DE ARROZ | █ | █ | █ | █ | | █ | █ | █ | █ | █ | █ | █ |
| | MIGRAÇÃO | | | | | | | █ | █ | | | | |
| | HABILIDADES MANUAIS | | █ | █ | █ | | | | | | | | |

O quadro abaixo mostra quais ferramentas participativas se encaixam melhor em cada tipo de levantamento. Para cada um dos levantamentos, os membros da equipe de facilitação deverão selecionar ferramentas baseadas nas informações necessárias, no nível de alfabetização do grupo e nas habilidades e experiências do facilitador.



Ferramentas participativas úteis de acordo com o tipo de levantamento

| LEVANTAMENTO DE AMEAÇAS DE DESASTRES | LEVANTAMENTO DE VULNERABILIDADES E LEVANTAMENTO DE CAPACIDADES |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ■ Mapa de ameaças de desastres ■ Categorização ■ Calendário sazonal ■ Linha do tempo ■ Mapa histórico | <ul style="list-style-type: none"> ■ Mapa de riscos (mapa de ameaças de desastres que também mostra os 'elementos em risco') ■ Caminhadas transversais ■ Calendário sazonal ■ Linha do tempo ■ Diagrama de Venn ■ Canções populares, contos e poesias ■ Dramatizações |

4 Fazer os preparativos

As questões a serem consideradas incluem:

- Preparativos de viagem – quem, onde, quando e como?
- Alimentos e bebidas – será necessário servir um lanche para os participantes dos grupos focais?
- Recursos para a equipe facilitadora, tais como perguntas norteadoras, computador portátil, lápis ou caneta e câmera fotográfica.
- Recursos necessários para os exercícios participativos – folhas grandes de papel, canetas, giz, recursos naturais (tais como galhos e pedras) e recursos para a dramatização.

5 Apresentar a ferramenta APRD à comunidade

Antes de fazer os levantamentos, é importante fazer uma reunião com a comunidade para explicar o que é a ferramenta APRD e em que consiste o processo. Procure envolver líderes comunitários ao apresentar a ferramenta APRD para que haja apropriação por parte da comunidade. Explique a relação entre as ameaças de desastres e as vulnerabilidades.

Esta reunião poderá ser usada para convidar as pessoas a fazerem parte dos grupos focais e discutirem quanto tempo será necessário para as reuniões. No entanto, os próprios líderes comunitários poderão preferir escolher as pessoas. Neste caso, certifique-se que os membros dos grupos focais não tenham sido escolhidos por terem certas preferências.

As expectativas deverão ser discutidas com os moradores para que eles não esperem coisas que não poderão ser oferecidas. No entanto, é importante não desestimular a visão que eles possam ter. As pessoas precisam acreditar que haverá uma diferença, mas deverão ser realistas no que diz respeito ao tempo e aos recursos disponíveis para alcançar as metas propostas.

PASSO 2 **Levantamento de ameaças de desastres**

O nível e o tipo de vulnerabilidade poderá variar de acordo com a ameaça de desastre em questão. O primeiro passo prático da ferramenta APRD é descobrir que ameaças de desastres os moradores enfrentam.

O que são ameaças de desastres?

Observações para o facilitador

As ameaças de desastres podem ser naturais ou causadas pelo homem. Às vezes elas se sobrepõem. Por exemplo, um conflito (causado pelo homem) poderá contribuir ao impacto de uma seca (ameaça de desastre de ordem natural) se os agricultores não puderem levar os seus animais de forma segura para as áreas de pastagem.

As ameaças de desastres de ordem natural incluem:

RELACIONADAS AO CLIMA

- Inundações (de rios ou costeiras), com possíveis deslizamentos de terra e erosão do solo
- Secas, com possível erosão do solo
- Ciclones (Oceano Índico/Baía de Bengala), furacões (Oceano Atlântico/Caribe) ou tufões (Oceano Pacífico), com a possibilidade de maremotos (grandes ondas que invadem a costa), inundações e deslizamentos de terra
- Chuvas de granizo
- Geadas

RELACIONADAS À TERRA

- Terremotos, com um possível tsunami, deslizamento de terras e incêndio
- Vulcões
- Deslizamentos de terra
- Erosão do solo

OUTROS

- Incêndios
- Ataque de pragas
- Doenças ou enfermidades (como a diarreia, a cólera, a malária e o HIV).

As ameaças de desastres causadas pelo homem podem afetar comunidades inteiras ou determinadas famílias. Elas incluem:

- Acidentes tecnológicos (como o derramamento de produtos químicos e a poluição)
- Despejo (especialmente de moradores de favelas, refugiados e pessoas internamente deslocadas)
- Seqüestros (especialmente de crianças, jovens e mulheres adultas)
- Revoltas
- Mudanças de preços no âmbito global, as quais podem afetar toda a comunidade se todos estiverem cultivando e tentando vender o mesmo produto.

Em alguns lugares, uma determinada ameaça de desastre poderá ser evidente. Por exemplo, o Bangladesh sofre inundações. Devido estas inundações acontecerem anualmente, todos os que vivem no país sabem que as inundações são exemplos de ameaças de desastres. Em outros contextos, a ameaça poderá ser menos evidente. Por exemplo, as pessoas talvez não estejam cientes de que poderão ser afetadas por um terremoto ou tsunami porque estes eventos acontecem com menos frequência. Eles talvez não aconteçam no tempo de vida de uma pessoa. As ameaças de desastres deste tipo são bastante raras, mas quando acontecem, podem ter conseqüências devastadoras. O HIV pode ser uma ameaça menos evidente porque costuma ser sentida apenas no âmbito individual, inicialmente. O HIV se torna um desastre de demorada instalação, levando anos para se transformar em AIDS e levando à morte.



Atividades

- 1 Organize as reuniões dos grupos focais
- 2 Pergunte aos grupos focais quais ameaças de desastres afetam a região onde vivem.
- 3 Peça para os grupos focais priorizarem as ameaças de desastres, de acordo com a proporção do possível impacto das mesmas (veja abaixo).
- 4 Peça para os grupos focais fazerem um levantamento das ameaças de desastres (veja abaixo).
- 5 Junte as informações coletadas a partir dos grupos focais e copie os resultados em uma versão grande do diagrama do Modelo de Ebulição, o qual poderá ser exibido na comunidade. Certifique-se que as questões delicadas, como referências a determinadas pessoas, não sejam incluídas.



Ferramentas

Ferramentas participativas relevantes para as atividades 2 a 4 incluem: mapa de ameaças de desastres, calendário sazonal, linha do tempo e categorização.

Priorizando as ameaças de desastres

Se os moradores enfrentam vários tipos de ameaças de desastres, é necessário categorizá-las de acordo com a ameaça que cada uma representa. As pessoas deverão decidir como definir qual ameaça é a mais séria. Por exemplo, a morte e as lesões poderão ser vistas como sendo mais sérias do que a perda de propriedades.

A partir daí, a ferramenta APRD deverá ser usada para a ameaça de desastre que ocupar a prioridade mais alta. Se houver mais do que uma ameaça muito importante, cada uma delas precisará ser considerada separadamente.

OBSERVAÇÃO: Se os conflitos violentos forem considerados como sendo a ameaça de desastre prioritária, por existir conflito na região ou porque isto potencialmente poderá acontecer, o processo APRD deverá ser implementando cuidadosamente (consulte a Seção 5.2). Em casos extremos, talvez seja melhor trabalhar com os moradores para resolver o conflito. O manual *ROOTS Construindo a paz dentro das nossas comunidades* poderá ser útil nesse sentido.

Fazendo levantamentos de ameaças de desastres

O levantamento de ameaças de desastres inclui um exame da natureza e do comportamento de cada situação. Observe:

- **HISTÓRIA** (análise como a ameaça afetou os moradores no passado)
 - A ameaça faz parte da vida normal ou é algo raro?
 - Quando foi o último desastre?
 - Quando foi o maior desastre?
 - A ameaça está piorando, melhorando ou continua igual? Lembre-se que as mudanças climáticas estão alterando as características dos desastres relacionados ao clima.
- **FREQÜÊNCIA** (para definir a probabilidade do desastre se concretizar)
 - Com que freqüência o desastre acontece?
 - Ele acontece com maior ou menor freqüência do que no passado?
- **RAPIDEZ DE INSTALAÇÃO** (para definir com quanto tempo de antecedência se fica sabendo que o desastre vai se concretizar)
 - Com quanta rapidez o desastre acontece?
 - Que sinais podemos observar?
 - Como as pessoas definem quando uma determinada ameaça se torna perigosa? (ex. quando o nível da água atinge uma determinada altura)

- **LOCALIZAÇÃO** (para descobrir o tamanho da área afetada pela ameaça de desastre)
 - Que áreas são afetadas pela ameaça de desastre?
- **DURAÇÃO** (para descobrir por quanto tempo a ameaça de desastre provavelmente vai durar)
 - Quanto tempo a ameaça de desastre costuma durar?
- **GRAVIDADE** (para descobrir quão grave o desastre poderá ser)
 - Quão grave a ameaça poderá ser? Por exemplo, a profundidade da água, a velocidade do vento, escala Richter para os terremotos.

Estas informações dependerão das experiências e lembranças dos moradores. Também poderá ser útil perguntar aos especialistas técnicos e consultar as estatísticas oficiais. Os representantes dos grupos focais poderão ficar responsáveis por coletar estas informações. A equipe facilitadora poderá ajudar, encontrando informações provenientes de fontes mais distantes, tais como centros meteorológicos, departamentos governamentais ou universidades.

Fontes secundárias de informações

Poderá ser necessário coletar algumas informações de fontes secundárias, como:

- estatísticas preparadas pelo governo local
- relatórios e avaliações de ONGs
- relatórios disponibilizados pela mídia
- relatórios da ONU
- relatórios climáticos
- informações coletadas por Organizações Comunitárias.

Relacionamentos com as organizações e pessoas que detêm as informações secundárias poderão ser formados durante o processo de coleta. Alguns destes relacionamentos, especialmente com os funcionários do governo local, poderão ser importantes posteriormente, quando o plano de ações para reduzir o risco de desastres for elaborado.

Peça para cada um dos grupos focais preencherem o seguinte quadro:

Escreva as respostas nos espaços abaixo.

| | |
|------------------------------|--|
| AMEAÇA | |
| HISTÓRIA | |
| FREQÜÊNCIA | |
| RAPIDEZ DE INSTALAÇÃO | |
| LOCALIZAÇÃO | |
| DURAÇÃO | |
| GRAVIDADE | |

As pessoas de fora da comunidade poderão ter uma melhor compreensão das possíveis ameaças de desastres do que os próprios moradores, especialmente se as ameaças forem raras e se os moradores não tiverem experiência. Se este for o caso, isto deverá ser discutido com os moradores. Além disto, as pessoas de fora que tiverem conhecimentos sobre as mudanças climáticas poderão compartilhar com as demais a possibilidade delas futuramente enfrentarem um maior número de desastres provocados por questões climáticas na região.

EXEMPLO DE LEVANTAMENTO DE UMA AMEAÇA DE DESASTRE: Etiópia

| | |
|------------------------------|--|
| AMEAÇA | <i>Seca</i> |
| HISTÓRIA | <i>Períodos freqüentes de seca, desde meados da década de 80</i> |
| FREQÜÊNCIA | <i>A cada 5 anos</i> |
| RAPIDEZ DE INSTALAÇÃO | <i>Indicações durante um período de meses</i> |
| LOCALIZAÇÃO | <i>Região local</i> |
| DURAÇÃO | <i>De 1 a 3 anos</i> |
| GRAVIDADE | <i>Considerada como séria, mas não tão grave como na década de 80. As secas causam mortes e deslocamentos de pessoas, perda de animais e plantações. Os meios de sustento são gravemente afetados.</i> |

EXEMPLO DE LEVANTAMENTO DE UMA AMEAÇA DE DESASTRE: Índia

| | |
|------------------------------|---|
| AMEAÇA | <i>Inundações</i> |
| HISTÓRIA | <i>As inundações se intensificaram desde a década de 71, quando diques foram construídos para conter a água trazida pelas inundações.</i> |
| FREQÜÊNCIA | <i>Todos os anos</i> |
| RAPIDEZ DE INSTALAÇÃO | <i>Às vezes há uma semana de chuvas antes que o nível da água represente perigo, mas geralmente leva apenas algumas horas.</i> |
| LOCALIZAÇÃO | <i>A maior parte do Distrito de Dharbanga, em Bihar</i> |
| DURAÇÃO | <i>Até 2 meses</i> |
| GRAVIDADE | <i>Considerada como muito séria. A inundações danifica muitas casas no povoado e, às vezes, algumas pessoas morrem afogadas.</i> |

PASSO 3 **Levantamento de vulnerabilidades**

ATENÇÃO Os estágios no levantamento de vulnerabilidades estão apenas em uma ordem recomendada. É necessário ter um pouco de flexibilidade na abordagem a ser usada. As perguntas nesta seção são apenas norteadoras e deverão ser adaptadas, conforme a necessidade, para os vários grupos focais e de acordo com as questões comunitárias.

Quando acontece um desastre, os elementos em risco, tais como as pessoas, as plantações, os prédios e os serviços poderão ser perdidos, danificados ou interrompidos. Estes elementos normalmente são identificados apenas depois que um desastre tenha acontecido em um 'levantamento de danos e necessidades'. A ação a ser tomada é distribuir a ajuda para atender as necessidades imediatas. Esta ação não trata das causas que provocaram o desastre. Portanto, a comunidade afetada poderia ser atingida por outro desastre no futuro, quando a mesma ou uma outra ameaça de desastre se manifestar.

Um levantamento de necessidades após um desastre analisa os efeitos imediatos do mesmo sobre os elementos na comunidade. Porém, um levantamento de vulnerabilidades analisa o potencial dos elementos estarem em risco. Atuando-se com base neste tipo de informações, é possível reduzir o risco dos desastres acontecerem.

Para fazer um levantamento de vulnerabilidades, é necessário analisar:

- **OS ELEMENTOS EM RISCO**, para determinar **qual** poderia ser o impacto do desastre (principalmente dados reais baseados na experiência prévia das pessoas)
- **AS CONDIÇÕES VULNERÁVEIS**, para determinar **porque** os elementos estão em risco
- **AS PRESSÕES**, para determinar **quem** está criando as condições vulneráveis e como isto é feito
- **AS CAUSAS SUBJACENTES**, para determinar **porque** as condições vulneráveis são criadas ou ignoradas pelas pressões
- **O CONTEXTO ESPIRITUAL**, para considerar quais convicções incentivam, ignoram ou desafiam a vulnerabilidade e as suas causas.

Cada uma das **cinco categorias de análise** (consulte a página 25) é usada para ajudar a garantir que se chegue a uma compreensão detalhada da vulnerabilidade por parte dos grupos focais.

Esteja ciente de que o que é considerado uma vulnerabilidade em uma categoria de análise poderá ser uma capacidade em outra. Além disto, o que é considerado uma vulnerabilidade ou capacidade poderá variar de um grupo para o outro. Por exemplo, a migração de homens à procura de trabalho em períodos difíceis poderá ser vista pelas mulheres como uma vulnerabilidade social que também poderia levar a uma propagação do HIV. No entanto, os homens poderão considerar a migração como sendo uma capacidade econômica.

A maneira mais lógica de fazer o levantamento é escolher uma categoria de análise e trabalhar com o quadro da página 40. Poderá ser útil marcar os espaços do quadro com um sinal, conforme o andamento do levantamento, para garantir que nenhum aspecto seja esquecido. Na realidade, os espaços do quadro poderão ser marcados com um sinal ao acaso, dependendo do curso das discussões do grupo focal.

| | | Elementos em risco | Condições vulneráveis | Pressões | Causas subjacentes |
|----------------------|----------------------|--------------------|-----------------------|----------|--------------------|
| CATEGORIA DE ANÁLISE | Recursos econômicos | | | | |
| | Recursos naturais | | | | |
| | Recursos estruturais | | | | |
| | Recursos individuais | | | | |
| | Recursos sociais | | | | |

OBSERVAÇÃO: Um determinado conflito poderá ser identificado como sendo um dos principais fatores que influenciam a vulnerabilidade às ameaças de desastres. Por exemplo, as pessoas deslocadas devido aos conflitos poderão ficar mais vulneráveis ao HIV. Se a região for relativamente segura, poderá ser apropriado continuar com o processo de aplicação da ferramenta APRD. No entanto, se houver insegurança ou se a única forma de tratar da vulnerabilidade é o término do conflito, seja cuidadoso ao continuar com o processo de aplicação da ferramenta APRD (consulte a Seção 5.2). Durante o passo de elaboração do plano de ações, poderá ser decidido que a única forma de reduzir significativamente a vulnerabilidade é resolver o conflito.



Atividades

- 1 Organize as reuniões dos grupos focais.
- 2 Selecione uma ameaça de desastre prioritária.
- 3 Explique os diferentes níveis de vulnerabilidade ao grupo – desde os elementos em risco até as causas subjacentes.
- 4 Escolha uma categoria de análise.
- 5 Faça algumas perguntas genéricas aos grupos focais sobre a categoria de análise para a ameaça de desastre escolhida (veja abaixo).
- 6 Preencha o quadro para aquela categoria de análise, da esquerda para a direita, fazendo perguntas relevantes durante o preenchimento.
- 7 Identifique quais vulnerabilidades são as mais preocupantes para cada um dos grupos focais.
- 8 Repita as atividades 4 a 7, usando as outras categorias de análise.
- 9 Se houver outra ameaça de desastre de alta prioridade, repita as atividades de 4 a 8, em quadros separados.
- 10 Escreva os resultados de cada um dos grupos focais na versão grande do Modelo de Ebulição, exposto na comunidade. Certifique-se que as questões delicadas, como referências a determinadas pessoas, não sejam incluídas.
- 11 Pense na possibilidade de entrevistar os informantes-chave neste momento, caso seja apropriado (consulte a página 54).



Ferramentas

- Estas são algumas ferramentas que poderão ser usadas nas várias categorias de análise:
- **RECURSOS ECONÔMICOS** calendário sazonal
 - **RECURSOS NATURAIS** mapeamento de riscos, caminhada transversal
 - **RECURSOS ESTRUTURAIS** mapeamento de riscos, caminhada transversal

- **RECURSOS INDIVIDUAIS** mapeamento de riscos
- **RECURSOS SOCIAIS** Diagrama de Venn

Categoria de análise

Recursos econômicos

EXEMPLOS DE PERGUNTAS GENÉRICAS

- Quais são as atividades sazonais da região e quando elas são realizadas? (tais como atividades agrícolas, mão-de-obra ocasional, migração)
- Qual é a época de maiores dificuldades durante o ano (talvez quando diferentes ameaças de desastres se combinam para afetar os meios de sustento das pessoas)?
- Quais são os papéis e as responsabilidades dos homens, das mulheres e das crianças?
- Que rendimentos estas atividades geram?
- As pessoas vendem os seus produtos agrícolas ou eles são apenas para o consumo doméstico?
- As pessoas conseguem economizar dinheiro? Para que as pessoas economizam?
- As pessoas pedem dinheiro emprestado para algum motivo específico? Quanto se paga em juros?
- As pessoas são proprietárias de terras ou dependem dos fazendeiros?

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos em risco | Condições vulneráveis | Pressões | Causas subjacentes |
|--|--|---|--|
| QUAIS são os possíveis impactos da ameaça de desastre? | POR QUE a ameaça de desastre afeta os elementos em risco? | QUEM está causando as condições vulneráveis? COMO isto acontece? | POR QUE as condições vulneráveis são criadas ou ignoradas pelas pressões? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Quais atividades econômicas ou recursos são os mais afetados pela ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Como a ameaça interrompe as atividades? | <p><i>Tópicos a serem considerados:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Oportunidades de trabalho e salários • Oportunidades de crédito e poupança | <ul style="list-style-type: none"> • Oportunidades de trabalho são negadas às pessoas? Por quê? • As pessoas recebem um salário justo? Por que não? • As pessoas têm acesso a programas de crédito e poupança? Por que não? • Os empréstimos são feitos de acordo com termos justos? |
| <ul style="list-style-type: none"> • As pessoas são forçadas a vender os seus bens? • O que as pessoas vendem em primeiro, segundo e terceiro lugar? | <ul style="list-style-type: none"> • Como isto acontece? Alguém se beneficia com isto? | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • As necessidades básicas (como alimentos e água) seriam afetadas e quanto tempo isto duraria? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que as pessoas não têm condições de atender às suas necessidades básicas durante a ameaça? | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • É mais difícil conseguir dinheiro emprestado durante a ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que as pessoas não conseguem um empréstimo? | | |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como o contexto espiritual afeta os recursos econômicos? • A igreja exerce um papel no sentido de aumentar a vulnerabilidade econômica? Se a resposta for positiva, como isto acontece? | | | |

Categoria de análise **Recursos naturais**

EXEMPLOS DE PERGUNTAS GENÉRICAS

- As pessoas usam quais recursos naturais?
 - Água para beber
 - Água para irrigação, para cozinhar, para o banho e para a limpeza
 - Solo
 - Árvores para a produção, materiais de construção, sombra, combustível
 - Combustível para produzir fogo, exceto madeira – ex. esterco animal
 - Provisões de peixes
 - Minerais (assim como barro e areia)
- Qual é a importância dada pelas pessoas ao clima, à paisagem e à localização geográfica?

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos em risco | Condições vulneráveis | Pressões | Causas subjacentes |
|---|---|---|---|
| QUAIS são os possíveis impactos da ameaça de desastre? | POR QUE a ameaça de desastre afeta os elementos em risco? | QUEM está causando as condições vulneráveis? COMO isto acontece? | POR QUE as condições vulneráveis são criadas ou ignoradas pelas pressões? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Que recursos naturais são afetados pela ameaça? Como eles são afetados? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que estes recursos naturais são afetados pela ameaça? • Quanto tempo leva para que os recursos naturais danificados se recuperem depois da ameaça? • Há falta de algum recurso natural? Como isto afeta as pessoas? | <p><i>Tópicos a serem considerados:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Autoridades locais • Propriedade da terra • Atividade madeireira / desmatamento • Indústria / poluição • Agricultura (de grande escala) • Crescimento populacional | <ul style="list-style-type: none"> • Por que há uma falta de recursos naturais? • Por que as pessoas são proibidas de terem acesso aos recursos naturais? |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como o contexto espiritual afeta os recursos naturais? • A igreja exerce um papel no sentido de aumentar a vulnerabilidade em relação aos recursos naturais? Se a resposta for positiva, como isto acontece? | | | |

Categoria de análise **Recursos estruturais**

EXEMPLOS DE PERGUNTAS GENÉRICAS

- Que recursos estruturais, feitos pelo homem, existem na região? Por exemplo: casas, poços, ferramentas, equipamentos, espaços comunitários, comunicações (telefones, estradas, transporte), fornecimento de eletricidade.

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos em risco | Condições vulneráveis | Pressões | Causas subjacentes |
|---|--|--|--|
| QUAIS são os possíveis impactos da ameaça de desastre? | POR QUE a ameaça de desastre afeta os elementos em risco? | QUEM está causando as condições vulneráveis? COMO isto acontece? | POR QUE as condições vulneráveis são criadas ou ignoradas pelas pressões? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Do que os prédios são construídos? (ex. barro ou tijolos) • Como estes prédios são afetados pela ameaça? • Como as fontes de água são afetadas pela ameaça? • Como as ferramentas e equipamentos são afetados pela ameaça? • Como os prédios governamentais e comunitários são afetados pela ameaça? • Como a ameaça afeta as comunicações? • Como as fontes de energia são afetadas pela ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que elas são afetadas pela ameaça? | <p><i>Tópicos a serem considerados:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Propriedade da terra • Autoridades locais • Grupos religiosos • Regulamentos de construção • Acesso a prédios comunitários | <ul style="list-style-type: none"> • Por que as pessoas são incapazes de evitar danos aos recursos estruturais? • Por que os proprietários dos recursos estruturais não ajudam? Como eles poderiam ajudar? |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como o contexto espiritual afeta os recursos estruturais? • A igreja exerce um papel no sentido de aumentar a vulnerabilidade em relação aos recursos estruturais? Se a resposta for positiva, como isto acontece? | | | |

Categoria de análise **Recursos individuais**

EXEMPLOS DE PERGUNTAS GENÉRICAS

- Que habilidades, conhecimentos e virtudes pessoais os moradores possuem?

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos em risco | Condições vulneráveis | Pressões | Causas subjacentes |
|--|---|---|---|
| QUAIS são os possíveis impactos da ameaça de desastre? | POR QUE a ameaça de desastre afeta os elementos em risco? | QUEM está causando as condições vulneráveis? COMO isto acontece? | POR QUE as condições vulneráveis são criadas ou ignoradas pelas pressões? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Quem está mais propenso a ser afetado: <ul style="list-style-type: none"> - durante a ameaça? - depois da ameaça? • O que acontece a estas pessoas? (Por exemplo: Elas perdem a vida, sofrem lesões, são afetadas por doenças, são deslocadas ou ficam traumatizadas?) • Quais doenças afetam os moradores como consequência da ameaça? • Quem está mais propenso a ser afetado por estas doenças? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que estas pessoas são as mais propensas a serem afetadas? Pense nos seguintes fatores: <ul style="list-style-type: none"> - mobilidade - saúde - habilidades - educação e alfabetização • As pessoas sabem o que fazer caso esta ameaça se manifeste? | <p><i>Tópicos a serem considerados:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Serviços de saúde • Serviços sociais • Educação e treinamento | <p><i>Tópicos a serem considerados:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Acesso ao atendimento médico • Acesso a programas de assistência social • Políticas de educação e currículo escolar |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como o contexto espiritual afeta os recursos pessoais? • A igreja exerce um papel no sentido de aumentar a vulnerabilidade no âmbito pessoal? Se a resposta for positiva, como isto acontece? | | | |

Categoria de análise **Recursos sociais**

EXEMPLOS DE PERGUNTAS GENÉRICAS

- Que relacionamentos existem com:
 - Outros grupos comunitários
 - Outras comunidades
 - Empregadores
 - ONGs
 - Grupos religiosos
 - Pessoas com poder e autoridade (assim como os funcionários do governo)?

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos em risco | Condições vulneráveis | Pressões | Causas subjacentes |
|--|---|---|---|
| QUAIS são os possíveis impactos da ameaça de desastre? | POR QUE a ameaça de desastre afeta os elementos em risco? | QUEM está causando as condições vulneráveis? COMO isto acontece? | POR QUE as condições vulneráveis são criadas ou ignoradas pelas pressões? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Como os relacionamentos com diferentes grupos mudam em tempos difíceis? • Quais são as conseqüências destas mudanças? • Como os relacionamentos entre os homens e as mulheres mudam? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que alguns destes relacionamentos pioram? • O que mais pode ser feito para ajudar? • Há algum conflito nos tempos difíceis? • Há falta de liderança durante as crises? | <p><i>Tópicos a serem considerados:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Autoridades locais • Liderança tradicional • Grupos sociais | <ul style="list-style-type: none"> • As pessoas têm acesso a todos os grupos que desejam? • Quanta influência as pessoas exercem sobre as decisões feitas pelos líderes em tempos de desastres? |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como o contexto espiritual afeta os recursos sociais? • A igreja exerce um papel no sentido de aumentar a vulnerabilidade social? Se a resposta for positiva, como isto acontece? | | | |

Priorizando vulnerabilidades

Uma vez que todas as vulnerabilidades tenham sido identificadas, os grupos focais deverão se reunir para priorizar as vulnerabilidades que desejam atender. As opiniões poderão ser diferentes dentro dos grupos focais e entre eles. O facilitador deverá ajudar os grupos a encontrar pontos em comum para que, assim, se possa identificar as vulnerabilidades prioritárias para a comunidade como um todo. Outras pessoas da região poderão estar presentes nesta reunião para aumentar a apropriação local do processo.

Uma vez que as principais prioridades tenham sido identificadas, use a ferramenta de categorização explicada na página 32 para que cada pessoa possa votar na sua vulnerabilidade prioritária.

EXEMPLO DE UM LEVANTAMENTO DE VULNERABILIDADES: seca na Etiópia

| Elementos em risco | Condições vulneráveis | Pressões | Causas subjacentes |
|---|--|--|--|
| QUAIS são os possíveis impactos da ameaça de desastre? | POR QUE a ameaça de desastre afeta os elementos em risco? | QUEM está causando as condições vulneráveis? COMO isto acontece? | POR QUE as condições vulneráveis são criadas ou ignoradas pelas pressões? |
| RECURSOS ECONÔMICOS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Perda de plantações • Perda de animais • Venda forçada de recursos | <ul style="list-style-type: none"> • Meios de sustento dependentes da agricultura por gotejamento • Pobreza extrema • Declínio na fertilidade do solo | <ul style="list-style-type: none"> • MINISTÉRIO DA SAÚDE Provisão limitada de atenção médica • MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Apoio limitado às escolas primárias | <ul style="list-style-type: none"> • GOVERNABILIDADE POLÍTICA Propriedade estatal da terra, corrupção, falta de transparência e de prestação de contas, falta de planejamento participativo de desenvolvimento, falta de preocupação pelas pessoas pobres, conflito regional, sistemas ineficazes das Nações Unidas • POLÍTICAS ECONÔMICAS Termos desfavoráveis de comércio, valores seculares ocidentais, ganância • CULTURA Costumes e práticas culturais impróprias |
| RECURSOS NATURAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Escassez de água • Áreas ressecadas de pastagem • Erosão do solo • Falta de alimentos silvestres | <ul style="list-style-type: none"> • Queda de chuvas não confiável • Degradação ambiental • Inexistência de florestas | <ul style="list-style-type: none"> • MINISTÉRIO DA AGRICULTURA Apoio limitado aos agricultores • ANCIÃO DO POVOADO Promover famílias grandes • GOVERNO NACIONAL Política e orçamento de desenvolvimento, propriedade da terra, política ambiental, gestão de desastres e estratégias de redução da pobreza | |
| RECURSOS ESTRUTURAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Poços razos se secam | <ul style="list-style-type: none"> • Programas limitados de coleta de água • Inexistência de fontes protegidas de água | <ul style="list-style-type: none"> • ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO Termos de comércio • INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS INTERNACIONAIS Pagamento da dívida • ONGS Políticas e práticas de desenvolvimento • IGREJA CÓPTICA Os festivais e as cerimônias reduzem o número de animais disponíveis | |
| RECURSOS INDIVIDUAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Maior desnutrição • Maior morbidez • Maior mortalidade • Perda de forças • Mais stress | <p><i>Conhecimentos limitados sobre:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Gestão dos recursos naturais • Atendimento médico • Planejamento familiar • Estruturas e processos governamentais • Direitos humanos • Baixo nível de alfabetização / educação • Falta de habilidades profissionais | | |
| RECURSOS SOCIAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Mais conflitos nas famílias e entre elas • Prejuízos à educação • Mais migração | <ul style="list-style-type: none"> • Custo da educação • Famílias grandes • Competição pelos recursos • Desigualdades de gênero • Muitas cerimônias tradicionais • Sociedade civil fraca | | |
| Contexto espiritual | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Crenças animistas, cerimônias religiosas dispendiosas | | | |

PASSO 4 **Levantamento de capacidades**

O levantamento de capacidades deve ser feito depois do levantamento de vulnerabilidades, ao invés de ser feito ao mesmo tempo, pois as pessoas geralmente acham difícil e confuso terem de constantemente mudar de uma discussão sobre as suas fraquezas e problemas (vulnerabilidades) para uma discussão sobre os seus aspectos fortes e oportunidades (capacidades). No entanto, existem algumas exceções a esta regra.

O levantamento de capacidades inclui uma análise dos seguintes fatores:

- **ELEMENTOS PROTEGIDOS** – identificar que elementos não são afetados pela ameaça de desastre.
- **CONDIÇÕES SEGURAS** – identificar que capacidades existem em relação à ameaça de desastre. Estes aspectos positivos já poderão estar sendo usados ou terem o potencial para tal.
- **LIBERAÇÃO DE PRESSÕES** – determinar quem está ajudando a criar condições seguras e como isto acontece.
- **CAUSAS SUBJACENTES POSITIVAS** – considerar que idéias políticas, princípios econômicos e práticas culturais apóiam e motivam aqueles que ajudam a criar condições seguras.
- **CONTEXTO ESPIRITUAL** – considerar de que maneiras o contexto espiritual ajuda fortalecer a capacidade e reduzir as vulnerabilidades.

Às vezes as capacidades são chamadas de ‘mecanismos de enfrentamento’ ou ‘estratégias de sobrevivência’. No entanto, nem sempre estes termos poderão ser positivos ou saudáveis. Por exemplo, uma família poderá lidar com o sofrimento através de atividades criminosas, do trabalho sexual comercial ou da venda de crianças.

Lembre-se que as pessoas poderão tentar esconder os seus aspectos positivos se acharem que receberão menos ajuda externa depois de mencioná-los. Isto se aplica especialmente onde foi desenvolvida uma dependência pela assistência emergencial. Portanto, o levantamento de capacidades deverá estar intimamente vinculado ao ‘planejamento de ações’ e, desta maneira, as pessoas têm um motivo para compartilhar os seus aspectos positivos.



Atividades

- 1 Reuna-se com os grupos focais.
- 2 Explique ao grupo o que são capacidades e porque elas são importantes.
- 3 Escolha uma ameaça de desastre que tenha sido considerada prioritária durante o levantamento de vulnerabilidades.
- 4 Escolha uma categoria de análise (consulte a página 25).
- 5 Preencha o quadro para a categoria de análise escolhida, da esquerda para a direita.
- 6 Repita as atividades 4 e 5 com as outras categorias de análise.
- 7 Se outra ameaça de desastre prioritária tiver sido identificada durante o levantamento de vulnerabilidades, repita as atividades 4 a 6.
- 8 Acrescente as conclusões de cada um dos grupos focais na versão ampliada do Modelo de Liberação de Pressões exposto na comunidade, demonstrando como estes aspectos positivos poderão ser usados para superar as vulnerabilidades.



Ferramentas

As ferramentas para as várias categorias de análise incluem:

- **ECONÔMICA** calendário sazonal, linha do tempo
- **NATURAL** mapeamento de riscos, caminhada transversal
- **ESTRUTURAL** mapeamento de riscos, caminhada transversal
- **INDIVIDUAL** mapeamento de riscos
- **SOCIAL** diagrama de Venn

Categoria de análise

Recursos econômicos

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos protegidos | Condições seguras | Liberação de pressões | Causas subjacentes positivas |
|---|--|--|--|
| QUE elementos não são significativamente afetados pela ameaça de desastre? | QUE capacidades existentes ajudam a proteger os elementos em risco dos impactos da ameaça de desastre? | QUEM está ajudando a criar condições seguras? COMO isto acontece? | POR QUE as condições seguras estão sendo mantidas? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Que atividades ou recursos econômicos são menos afetados pela ameaça? • Que recursos nunca são vendidos, até mesmo nas épocas de grandes dificuldades? • É possível pedir dinheiro emprestado com baixos juros, caso seja necessário? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que certas atividades e recursos econômicos não são afetados pela ameaça? • Por que as pessoas não são forçadas a vender certos recursos? • Como as pessoas podem atender às suas necessidades básicas (como alimentos e água) quando uma ameaça se manifesta? • Existem reservas de alimentos ou dinheiro para serem usadas em épocas de dificuldade? • Lembre-se: algumas capacidades econômicas poderão ser ilegais (como o roubo de gado) ou nocivas à saúde (como o sexo comercial) | <ul style="list-style-type: none"> • Que organizações ou instituições estão presentes? (ex. organizações comunitárias, igreja, governo) • Como elas ajudam os moradores economicamente nas épocas de crise? (ex. empréstimos, oportunidades de trabalho, doações em espécie) | <ul style="list-style-type: none"> • Que idéias políticas e políticas públicas estão ajudando? • Que princípios econômicos estão ajudando? • Que atividades e convicções culturais estão ajudando? • Boas oportunidades de trabalho são oferecidas às pessoas? Caso a resposta seja positiva, por quê? • As pessoas recebem um salário justo? • As pessoas têm acesso a programas de crédito e poupança? • Os empréstimos são feitos com termos justos? |
| Contexto espiritual | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Que convicções espirituais incentivam a redução das vulnerabilidades? • Que virtudes a igreja tem no sentido de aumentar a capacidade econômica? | | | |

Categoria de análise **Recursos naturais**

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos protegidos | Condições seguras | Liberação de pressões | Causas subjacentes positivas |
|--|---|--|--|
| QUE elementos não são significativamente afetados pela ameaça de desastre? | QUE capacidades existentes ajudam a proteger os elementos em risco dos impactos da ameaça de desastre? | QUEM está ajudando a criar condições seguras? COMO isto acontece? | POR QUE as condições seguras estão sendo mantidas? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Que recursos naturais não são afetados pela ameaça? (ex. árvores, água, pastagem, terrenos altos) | <ul style="list-style-type: none"> • Por que os recursos naturais não são afetados pela ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • A quem pertencem ou quem controla o uso dos recursos naturais na região? • Os recursos naturais estão mais disponíveis nas épocas de crise? | <ul style="list-style-type: none"> • Que idéias políticas estão ajudando? • Que princípios econômicos estão ajudando? • Que atividades e convicções culturais estão ajudando? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Algum dos recursos naturais se beneficia a partir da ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que alguns recursos naturais se beneficiam a partir da ameaça? • Que recursos naturais se recuperam rapidamente depois da ameaça? Por quê? Eles estão protegidos? • Algum dos recursos naturais é usado em épocas de crise? (ex. frutas silvestres, raízes, peixes) • Os recursos naturais são usados de maneiras especiais para proteger as pessoas? (ex. plataformas flutuantes de bambu ou balsas de folhas de bananeira durante as inundações) | | |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que convicções espirituais incentivam a redução das vulnerabilidades? • Que virtudes da igreja ajudam a aumentar as capacidades naturais? | | | |

Categoria de análise

Recursos estruturais

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos protegidos | Condições seguras | Liberação de pressões | Causas subjacentes positivas |
|--|--|---|--|
| <p>QUE elementos não são significativamente afetados pela ameaça de desastre?</p> | <p>QUE capacidades existentes ajudam a proteger os elementos em risco dos impactos da ameaça de desastre?</p> | <p>QUEM está ajudando a criar condições seguras? COMO isto acontece?</p> | <p>POR QUE as condições seguras estão sendo mantidas?</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> • Que prédios não são afetados pela ameaça? • As fontes de água estão protegidas da ameaça? • As ferramentas e equipamentos estão protegidos da ameaça? • Os prédios governamentais ou comunitários estão protegidos da ameaça? • As comunicações estão protegidas da ameaça? • As fontes de eletricidade estão protegidas da ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que os elementos construídos não são afetados pela ameaça? • Como os elementos estruturais estão protegidos da ameaça? • Os prédios são usados de maneiras especiais (ex. para armazenagem e abrigo): <ul style="list-style-type: none"> - antes da ameaça? - durante a ameaça? - depois da ameaça? • As pessoas são capazes de proteger os prédios? (ex. construindo plataformas elevadas para as casas em regiões sujeitas às inundações) • As pessoas têm meios alternativos de transporte caso as estradas sejam danificadas? • As pessoas têm meios alternativos de obter energia caso o fornecimento de eletricidade seja interrompido? | <ul style="list-style-type: none"> • A quem pertence ou quem controla o uso de prédios seguros nas épocas de crise? • A quem pertence ou quem controla o uso de veículos ou barcos? • Quem tem acesso a um telefone ou rádio? • As pessoas pobres têm acesso a prédios seguros nas épocas de crise? • As pessoas têm acesso a transporte e aos meios de comunicação nas épocas de crise? | <ul style="list-style-type: none"> • Que idéias políticas estão ajudando? • Que princípios econômicos estão ajudando? • Que atividades e convicções culturais estão ajudando? |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que convicções espirituais incentivam a redução das vulnerabilidades? • Que virtudes da igreja podem ajudar a proteger os recursos estruturais? | | | |

Categoria de análise **Recursos individuais**

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos protegidos | Condições seguras | Liberação de pressões | Causas subjacentes positivas |
|---|---|---|--|
| QUE elementos não são significativamente afetados pela ameaça de desastre? | QUE capacidades existentes ajudam a proteger os elementos em risco dos impactos da ameaça de desastre? | QUEM está ajudando a criar condições seguras? COMO isto acontece? | POR QUE as condições seguras estão sendo mantidas? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Quem são as pessoas menos afetadas: <ul style="list-style-type: none"> - durante a ameaça? - depois da ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que estas pessoas são as menos afetadas? Pense nos seguintes fatores: <ul style="list-style-type: none"> - mobilidade - saúde - habilidades - educação e alfabetização - conhecimentos tradicionais • Algumas pessoas sabem especificamente o que fazer caso uma ameaça se manifeste? (ex. os idosos) • Alguém assume um papel especial para ajudar os demais durante uma ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Quem possui conhecimentos ou habilidades para lidar com o desastre? • Como os conhecimentos e as habilidades são transmitidos para as outras pessoas? • Existe um sistema para transmitir mensagens de advertência? | <ul style="list-style-type: none"> • Que idéias políticas estão ajudando? • Que princípios econômicos estão ajudando? • Que atividades e convicções culturais estão ajudando? |
| Contexto espiritual <ul style="list-style-type: none"> • Que convicções espirituais incentivam a redução das vulnerabilidades? • Que virtudes da igreja poderão ajudar a fortalecer as capacidades pessoais? | | | |

Categoria de análise **Recursos sociais**

EXEMPLOS DE PERGUNTAS MAIS ESPECÍFICAS

| Elementos protegidos | Condições seguras | Liberação de pressões | Causas subjacentes positivas |
|--|---|--|---|
| QUE elementos não são significativamente afetados pela ameaça de desastre? | QUE capacidades existentes ajudam a proteger os elementos em risco dos impactos da ameaça de desastre? | QUEM está ajudando a criar condições seguras? COMO isto acontece? | POR QUE as condições seguras estão sendo mantidas? |
| <ul style="list-style-type: none"> • Quais são os grupos menos afetados pela ameaça? • Algum relacionamento é fortalecido pela ameaça? | <ul style="list-style-type: none"> • Por que alguns grupos são capazes de tolerar a ameaça? • Por que alguns relacionamentos são fortalecidos em épocas de dificuldade? • Que função é exercida pelas famílias como um todo? | <ul style="list-style-type: none"> • Quem assume controle ou demonstra liderança nas épocas de crise? • Quem presta mais apoio às pessoas afetadas? • O apoio é dado a todos os moradores afetados de uma forma justa? • As pessoas mais pobres e necessitadas recebem alguma assistência especial? • Os líderes dão orientações claras em uma crise? | <ul style="list-style-type: none"> • Que idéias políticas estão ajudando? • Que princípios econômicos estão ajudando? • Que atividades e convicções culturais estão ajudando? Nesta cultura, como as pessoas se ajudam em épocas de crise? |
| <p>Contexto espiritual</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que convicções espirituais incentivam a redução de vulnerabilidades? • Que virtudes da igreja podem ajudar a aumentar a cooperação e o cuidado? | | | |

EXEMPLO DE LEVANTAMENTO DE CAPACIDADES: seca na Etiópia

| Elementos protegidos | Condições seguras | Liberação de pressões | Causas subjacentes positivas |
|---|--|---|---|
| QUE elementos não são significativamente afetados pela ameaça de desastre? | QUE capacidades existentes ajudam a proteger os elementos em risco dos impactos da ameaça de desastre? | QUEM está ajudando a criar condições seguras? COMO isto acontece? | POR QUE as condições seguras estão sendo mantidas? |
| RECURSOS ECONÔMICOS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Algumas plantações não são muito prejudicadas • Alguns tipos de animais não são muito afetados • As atividades de artesanato não são muito prejudicadas | <ul style="list-style-type: none"> • Grande diversidade de cultivos • Grande diversidade de animais • A terra pode ser arrendada • Alguns recursos das famílias são vendidos • Capacidade para produzir artesanato • Programas informais de poupança | <ul style="list-style-type: none"> • Nações Unidas e ONGs prestando assistência emergencial • Financiadores informais que fornecem crédito • Forte liderança local • Programas governamentais locais voltados às pessoas pobres | <ul style="list-style-type: none"> • Forte cultura de unidade comunitária • Cultura oral tradição de transmitir conhecimentos e habilidades |
| RECURSOS NATURAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Ervas e raízes silvestres • Um pouco de vegetação | <ul style="list-style-type: none"> • Grande biodiversidade • Rotação de culturas | | |
| RECURSOS ESTRUTURAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Hospital • Posto médico do povoado • Escola primária do povoado • Mercado do povoado | | | |
| RECURSOS INDIVIDUAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Habilidades • Conhecimentos • Mão-de-obra (possivelmente enfraquecida) | <ul style="list-style-type: none"> • Grande motivação para aprender • Capacidade de sobreviver com uma quantidade mínima de alimentos • Conhecimentos para encontrar alimentos silvestres • Técnicas agrícolas tradicionais • Conhecimentos sobre medicamentos locais • Capacidade para trabalhar e migrar • Nível mais alto de alfabetização entre os jovens | | |
| RECURSOS SOCIAIS | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Grupos religiosos | <ul style="list-style-type: none"> • Povoado estável e estabelecido em uma região sem conflitos • Tradição de compartilhar bois e mão-de-obra • Tradição de trocar produtos agrícolas | | |
| Contexto espiritual | | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Forte convicção religiosa. Igreja ativa. | | | |

PASSO 5 Entrevistas com os informantes-chave

Antes de planejar as ações, é importante conhecer melhor as vulnerabilidades e as capacidades, conversando com aqueles que influenciam os moradores. Alguns informantes-chave já poderão ter sido identificados pelos líderes comunitários, porque foram vistos como 'pressões' no levantamento de vulnerabilidades ou como 'liberação de pressões' no levantamento de capacidades. Poderão existir questões, preocupações e pressões influenciando as decisões destas pessoas.

Os funcionários do governo local são essenciais para garantir o sucesso das atividades de redução do risco de desastres porque eles controlam muitos recursos e influenciam as atividades de desenvolvimento na região. Certifique-se que os funcionários do governo sejam entrevistados. As ações comunitárias deverão complementar os planos governamentais de desenvolvimento, onde seja possível.

Ao comunicar-se com os informantes-chave, haverá uma maior chance de que as atividades voltadas à redução das vulnerabilidades sejam apoiadas, ou pelo menos não sejam desafiadas, pelos que ocupam posições de poder.



Atividades

A equipe de facilitação, incluindo os moradores, deverão realizar estas atividades.

- Identifique informantes-chave, de acordo com os conselhos dos líderes comunitários e dos resultados do levantamento de vulnerabilidades.
- Prepare perguntas para as entrevistas semi-estruturadas.
- Entreviste os informantes-chave.
- Reúna estas informações e apresente-as à comunidade (em alguns casos, talvez seja possível ou até mesmo necessário convidar os informantes-chave, especialmente os funcionários do governo, para se reunirem com a comunidade, discutirem as vulnerabilidades e as possíveis ações).

Algumas perguntas norteadoras que poderiam ser usadas durante as entrevistas podem ser encontradas abaixo. Estas perguntas precisarão ser adaptadas, de acordo com o informante-chave e a situação em questão. Por exemplo, ao entrevistar o diretor de uma escola, poderão existir mais perguntas relacionadas com o impacto da ameaça de desastre sobre a escola ou sobre o papel da escola em épocas de desastre.

- Há quanto tempo você vive ou trabalha na região?
- Qual é a sua função?
- Quais ameaças de desastres afetam as comunidades da região?
- Estas mesmas ameaças lhe afetam? Caso a resposta seja positiva, de que forma?
- Na sua opinião, quais são as pessoas mais vulneráveis na região?
- Na sua opinião, quais são as vulnerabilidades prioritárias dos moradores?
- Por que estas vulnerabilidades existem?

- Como as pessoas sobrevivem em épocas de desastre?
- Que serviços são oferecidos pelo governo nos âmbitos local, regional e nacional em épocas de desastre?
- Que capacidades existentes na região poderiam reduzir a vulnerabilidade às ameaças de desastres e como elas poderiam ser reforçadas?

Discuta com os informantes-chave as diferenças entre as prioridades identificadas por eles e pelos grupos focais. Estas constatações ajudarão a influenciar o plano de ações.

PASSO 6 **Planejamento de ações**

Assegure-se que haja enfoque e tempo suficientes para este último passo. Se vulnerabilidades e capacidades forem levantadas em relação a diferentes ameaças de desastres, mas nenhuma ação for tomada para reduzir os riscos, há um desperdício de tempo, os relacionamentos poderão ser prejudicados e os riscos de desastres continuarão existindo.

É importante fazer o planejamento de ações logo após o levantamento de capacidades para que as pessoas permaneçam envolvidas no processo e possam ver os frutos do trabalho que fizeram. O plano de ações deverá atender as vulnerabilidades prioritárias e fortalecer capacidades para um trabalho sustentável e de longo prazo na área de redução de riscos.

ESTUDO DE CASO Idéias para o planejamento de ações no Malawi

Levantamentos de vulnerabilidades e capacidades demonstraram que mudanças nas tendências climáticas estavam resultando em insegurança alimentar. A presença do HIV e da AIDS está enfraquecendo a mão-de-obra e afetando a economia familiar. Estas são possíveis ações que poderiam ser tomadas para reduzir o risco de desastres:

- Cultivar produtos mais resistentes à seca para garantir o abastecimento de alimentos na entressafra, caso os cultivos tradicionais fracassem.
- Melhorar as técnicas agrícolas, tal como a agricultura de conservação, onde a água da chuva é coletada e usada de forma eficiente.
- Usar medidas que, ao mesmo tempo, atendam necessidades atuais e reduzam vulnerabilidades de longo prazo. Por exemplo, programas de alimentos ou de dinheiro por trabalho durante a época de seca poderiam ser usados para construir sistemas de irrigação de pequena escala.
- Fazer um trabalho de defesa e promoção de direitos para conseguir melhores serviços governamentais nas áreas de saúde, agricultura, saúde veterinária e educação.
- Averiguar a introdução de grupos de crédito e poupança.
- Intensificar o plantio de árvores para proteger as moradias das inundações e para compensar o desmatamento de áreas florestais que fornecem lenha ou produtos para a construção de moradias.
- Averiguar novos programas de geração de renda, incluindo a criação de pequenos animais ou o cultivo de legumes e vegetais.
- Treinar voluntários para monitorar os níveis de inundações, implementar sistemas de advertência antecipada e aprender primeiros socorros.
- Vincular os planos comunitários com os planos governamentais de gestão de desastres.

Em comunidades maiores, não é recomendado convidar a todos para elaborar o plano de ações. Isto poderia resultar em confusão e discussões prolongadas sem que decisões fossem tomadas. Poderá ser mais apropriado que alguns representantes preparem o plano de ações. Os representantes poderão ser alguns membros dos grupos focais, líderes comunitários e algumas outras pessoas que se voluntariem para participar.

O planejamento de ações deverá ser vinculado o máximo possível com o trabalho de uma organização comunitária (OC), assim como a igreja local. O planejamento de ações dará mais certo se os membros da igreja ou da OC tiverem feito parte do grupo de facilitação.

Através desta abordagem, quaisquer atividades novas que vierem a ser concordadas receberão apoio a longo prazo. A partir da igreja ou da OC, uma 'Força-Tarefa Voluntária' com responsabilidades especificamente relacionadas a desastres poderá ser formada. Se não existir uma igreja ou OC, os membros da Força-Tarefa Voluntária deverão ser eleitos pelos moradores.

A eficácia das atividades também será maior se a comunidade receber o apoio do governo local. Se funcionários do governo tiverem participado nos estágios iniciais do processo de aplicação da ferramenta APRD, poderá ser apropriado envolvê-los nesta etapa de tomada de decisões. Do contrário, deverão ser encontradas oportunidades para posteriormente discutir os planos comunitários de ações com os funcionários do governo.



Foto: Caroline Itzy, Tearfund

Uma Força-Tarefa Voluntária organiza um exercício de evacuação.



Atividades

- 1 Reuna-se com a igreja ou com a organização comunitária (OC) para discutir a possibilidade deles ajudarem os moradores na implementação do plano de ações.
- 2 Organize uma reunião com informantes-chave e representantes comunitários apropriados.
- 3 Descreva brevemente o que aconteceu no processo até agora, fazendo referência ao Modelo de Ebulição.
- 4 Explique que o propósito da reunião é elaborar um plano de ações.
- 5 Explique o Modelo de Liberação de Pressões e como ele sugere que as vulnerabilidades sejam atendidas.
- 6 Lembre as pessoas sobre as ameaças prioritárias, as principais vulnerabilidades e as capacidades identificadas.
- 7 Peça para as pessoas identificarem possíveis atividades, soluções e abordagens para atender estas vulnerabilidades prioritárias. Onde for apropriado, elas deverão ser baseadas nas capacidades identificadas anteriormente.
- 8 Discuta as atividades anteriormente realizadas para reduzir o risco de desastres ou para ajudar no processo de recuperação depois de um desastre. Discuta quão eficazes estas atividades foram e quais mudanças ou melhorias poderiam ser feitas.
- 9 Peça para as pessoas preencherem o quadro da página 58, mostrando quais das possíveis atividades poderiam ser realizadas:
 - **Imediatamente, com baixo ou nenhum custo** e sem ajuda externa (ex. em uma região propensa a inundações, marcas poderiam ser pintadas em prédios, árvores ou estacas para indicar o nível das inundações e de perigo)
 - **A médio prazo**, com ou sem ajuda externa
 - **A longo prazo**, com ou sem ajuda externa.

| | SEM AJUDA EXTERNA | COM AJUDA EXTERNA | |
|---------------|-------------------|-------------------|------------------|
| | | FINANÇAS | RECURSOS HUMANOS |
| IMEDIATAMENTE | | | |
| MÉDIO PRAZO | | | |
| LONGO PRAZO | | | |

Incentive-os a começar com atividades imediatas que não requeiram ajuda externa. Isto ajudará a manter o entusiasmo e a motivação.

- 10 Discuta as vantagens e desvantagens de cada uma das atividades sugeridas, considerando o tempo, o custo e a praticidade. Entrem em acordo sobre quais atividades deverão ser realizadas. Certifique-se que as atividades sugeridas não criem novos riscos.
- 11 Uma vez que as atividades tiverem sido identificadas, uma 'Força-Tarefa Voluntária' deverá ser formada com responsabilidades especificamente relacionadas a desastres. A igreja ou uma OC deverá ser incentivada a liderar este processo.
- 12 Decida que pessoas vão fazer parte da Força-Tarefa Voluntária. Escolha as atividades e elabore um plano de ações que contenha um cronograma, os papéis e as responsabilidades destas pessoas, além dos meios de prestação de contas para garantir que cada uma das tarefas seja realizada adequadamente.
- 13 Assegure-se que o plano de ações esteja vinculado com os planos governamentais de gestão de desastres.
- 14 Assegure-se que outras pessoas da comunidade estejam de acordo com o plano de ações. Talvez isto requeira uma reunião pública.
- 15 Exponha o plano de ações ao lado do Modelo de Ebulição e do Modelo de Liberação de Pressões, onde todos na comunidade possam vê-los.
- 16 Talvez seja apropriado marcar o início do plano de ações voltadas à redução de desastres com uma comemoração.
- 17 É hora de agir!

EXEMPLO
Plano comunitário de ações em uma região sujeita a inundações

| Vulnerabilidade prioritária | Responsabilidade pessoal/grupal | Atividade | Cronograma | Quem é responsável |
|--|---|--|---|----------------------------------|
| Áreas baixas afetadas por inundações | Membro da Força-Tarefa Voluntária | Pintar marcas indicando os níveis de inundação em estruturas importantes | Dentro de dois dias | Igreja / OC ou líder comunitário |
| Falta de coordenação em situação de desastre | Líder da Força-Tarefa Voluntária com o apoio dos seus membros | Elaborar um plano comunitário de evacuação, com exercícios freqüentes | Deverá ser terminado quatro semanas antes da temporada normal de inundações | Igreja / OC ou líder comunitário |
| Falta de instalações para as pessoas evacuadas na escola local | Líder da Força-Tarefa Voluntária | Negociar melhores instalações com a escola ou com o governo local | Dentro de três meses | Igreja / OC ou líder comunitário |

Ajuda externa

Talvez seja necessário agir nos âmbitos local, nacional e internacional para enfrentar as pressões e as causas subjacentes que afetam a vulnerabilidade dos moradores. Portanto, poderá ser necessário contar com ajuda externa, tal como a do governo ou das ONGs locais. Esta ajuda poderá ser prestada em termos de:

FINANÇAS Por exemplo, finanças para medidas de redução de riscos contra recursos estruturais, tais como plataformas de inundação, ou para a introdução de cultivos resistentes à seca e de poços artesianos elevados. As medidas que necessitam do apoio financeiro externo geralmente são providas com base em programas de trabalho por alimentos ou dinheiro para ajudar a incentivar a apropriação e a criação de empregos.

DEFESA E PROMOÇÃO DE DIREITOS Isto poderá incluir a obtenção de apoio para os planos locais por parte dos funcionários do governo e de outros grupos 'poderosos'. No âmbito nacional, isto poderá incluir atividades de conscientização sobre desastres no currículo escolar. No âmbito internacional, isto poderá incluir um trabalho de defesa e promoção de direitos sobre questões ligadas às políticas, tais como o comércio justo ou o cancelamento da dívida externa.

TREINAMENTO Em intervalos regulares (ex. trimestralmente) a equipe de facilitação poderá realizar atividades de treinamento ou motivação com a Força-Tarefa Voluntária e com outros moradores apropriados para manter o interesse e entusiasmo.

Onde for necessário contar com ajuda externa, a equipe de facilitação deverá tentar ajudar a Força-Tarefa Voluntária para obter esta ajuda.

Defesa e promoção de direitos

O trabalho de defesa e promoção de direitos costuma ser necessário para confrontar as pressões e as causas subjacentes que afetam as vulnerabilidades. As pessoas geralmente são cautelosas com o trabalho de defesa e promoção de direitos porque elas o associam com campanhas agressivas dirigidas aos departamentos governamentais. Porém, este é apenas um tipo de trabalho de defesa e promoção de direitos. Em muitos casos, a colaboração é mais apropriada e eficaz do que a confrontação.

Ao seguir o processo de aplicação da ferramenta APRD, o trabalho de defesa e promoção de direitos estará sendo realizado. Isto é porque o processo de aplicação da ferramenta APRD:

- expõe e analisa as causas subjacentes das vulnerabilidades das pessoas
- envolve funcionários do governo local e outras pessoas que ocupam funções de poder e influência através de entrevistas semi-estruturadas destes informantes-chave.

Outras formas de defesa e promoção de direitos são: escrever cartas e relatórios, envolvimento da mídia, planejamento de campanhas e oração.

O governo não será necessariamente o único alvo do trabalho de defesa e promoção de direitos. Talvez seja necessário influenciar outros grupos poderosos, tais como fazendeiros ricos, grupos religiosos e empresários.

O trabalho de defesa de direitos poderá ser realizado pelos próprios membros da comunidade. No entanto, eles poderão exercer mais influência convidando a igreja local, as OCs ou as organizações de desenvolvimento para que trabalhem juntos.

ESTUDO DE CASO
Defesa e promoção
de direitos junto a
fazendeiros na Índia

Em Bihar, o Centro de Discipulado, um parceiro da Tearfund, fez um trabalho de defesa e promoção de direitos em nome dos camponeses pobres que vivem em terras que são constantemente inundadas por serem baixas. Antes do trabalho de defesa e promoção de direitos, os camponeses não tinham uma rota segura de evacuação quando o nível da água subia pois para fazer isto, eles precisavam passar pelas terras de outros proprietários. Eles não tinham permissão para passar por estas propriedades. O Centro de Discipulado conseguiu obter a permissão de 47 fazendeiros para construir uma via elevada de evacuação através destas propriedades privadas. O relacionamento entre os camponeses pobres e os fazendeiros ricos melhorou desde esta intervenção.



Foto: Caroline Iby, Tearfund

Crianças fazendo um exercício de evacuação durante uma inundação através de uma via elevada de escape.

ESTUDO DE CASO
Acesso a crédito
no Malawi

Uma das causas da insegurança alimentar no Malawi é a falta de recursos para que os agricultores pobres cubram os altos custos dos fertilizantes. Eles não conseguem empréstimos com juros baixos para comprar os mesmos. Uma ONG procurou uma instituição de crédito da região e, depois de algumas negociações, a gerência concordou em conceder empréstimos aos agricultores, com juros acessíveis. A defesa e promoção de direitos deu certo!

Como organizar o trabalho de defesa e promoção de direitos

Este quadro mostra os passos que deverão ser tomados para organizar o trabalho de defesa e promoção de direitos.

| TÓPICO | CONSIDERE |
|---------------------|---|
| QUESTÃO / PROBLEMA | Qual é o problema? Este terá sido identificado durante os levantamentos das ameaças de desastres e das vulnerabilidades. |
| EFEITOS | Quais são os efeitos do problema? O processo de aplicação da ferramenta APRD terá fornecido muitas informações sobre como o problema está afetando os moradores. Isto será compreendido de acordo com os efeitos econômicos, naturais, pessoais, sociais e sobre os recursos estruturais. |
| CAUSAS | Quais são as causas do problema? O levantamento de vulnerabilidades terá identificado pressões e causas subjacentes. |
| POSSÍVEIS SOLUÇÕES | O que precisa ser feito? Quais são as possíveis soluções? É possível que algumas idéias já tenham sido discutidas durante o planejamento de ações. Quais são as vantagens e desvantagens? Estas idéias são realistas? Quais serão os indicadores de sucesso? |
| ALVOS | Quem tem poder para fazer algo e provocar mudanças? Talvez estas pessoas sejam os funcionários do governo, mas também poderão incluir as igrejas, as empresas, os líderes comunitários e as organizações comunitárias. O processo de aplicação da ferramenta APRD deverá ter ajudado a melhorar o relacionamento entre os moradores e estes grupos. Portanto, eles poderão estar muito dispostos a discutir as idéias e o trabalho de defesa e promoção de direitos poderá ser bastante simples. |
| POSSÍVEIS ALIADOS | Quem está procurando atender a questão no momento? É apropriado trabalhar com eles? A atividade que eles estão realizando é eficaz? Há pessoas que ainda não estão atendendo a questão, mas que poderiam ser persuadidos a ajudar? |
| RISCOS E SUPOSIÇÕES | Que riscos existem em envolver-se com este tipo de trabalho de defesa e promoção de direitos? Como estes riscos podem ser reduzidos? Quais serão as conseqüências se a questão não for atendida? Fizemos alguma suposição sobre as causas subjacentes da vulnerabilidade das pessoas e sobre os que estão em posições de poder? Se a resposta for positiva, com quem deveríamos conversar para compreender a realidade? A equipe de facilitação e os moradores têm condições de solucionar este problema? |
| MÉTODOS | Que métodos poderiam ser usados? Estes métodos poderiam ser adotados com confiança? Eles funcionaram antes? Existem alternativas? As habilidades e os recursos necessários estão disponíveis? |

Quando o trabalho de defesa e promoção de direitos for planejado, poderá ser útil preencher o quadro abaixo para resumir o trabalho que será feito, para mostrar quando as ações acontecerão e quem ficará responsável pelas mesmas.

EXEMPLO DE ESTRATÉGIA DE DEFESA E PROMOÇÃO DE DIREITOS: reassentamento de famílias afetadas por inundações nas Filipinas

| | |
|--------------------------------|---|
| META | Evitar o reassentamento de residentes no interior depois de uma inundação devastadora |
| OBJETIVOS | Proteger a pesca como meio de sustento da população afetada, garantindo que as novas moradias sejam construídas próximas da costa |
| INDICADORES DE SUCESSO | O governo estará disposto a reconsiderar as alternativas |
| EVIDÊNCIA | Convite do governo para contribuir nos debates |
| ALVOS | Departamentos governamentais regionais e nacionais |
| ALIADOS E OPORTUNIDADES | Funcionários do governo local (Prefeito) ONGs locais Igreja local |
| MÉTODOS E ATIVIDADES | Recolha as assinaturas dos moradores que se opõem ao reassentamento Represente os residentes locais nos debates promovidos pelo governo |
| RISCOS E SUPOSIÇÕES | O reassentamento em áreas costeiras é indiferente aos sentimentos dos moradores e as moradias seriam construídas em áreas sujeitas ao risco de desastres naturais |
| CRONOGRAMA | Três meses para que mudanças sejam feitas no plano de reassentamento |
| RESPONSABILIDADE | Força-Tarefa Voluntária com o apoio de uma ONG |

Para obter mais informações sobre como fazer um trabalho de defesa e promoção de direitos, consulte o *Kit de ferramentas de defesa de direitos* (ROOTS 1 e 2), o qual poderá ser solicitado através do e-mail roots@tearfund.org ou baixado da internet na página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>.

Aumentando a eficácia

5.1 Medindo a eficácia

A eficácia do processo de aplicação da ferramenta APRD deverá ser medida, comparando o impacto de futuros desastres com o impacto do mesmo tipo de desastre antes que a ferramenta APRD tenha sido aplicada. Os dados provenientes dos levantamentos de danos e de necessidades poderão ser usados nesta atividade.

Na prática, poderá ser difícil determinar se as atividades reduziram o risco de desastres porque as características das ameaças de desastres poderão ser diferentes de um ano para o outro e as vulnerabilidades também poderão mudar. Por exemplo, em um determinado ano poderá acontecer uma inundação de grandes proporções e, no seguinte, uma inundação menos séria. Portanto, algumas melhorias na situação local deverão ser evidentes, especialmente se forem comparadas com outras comunidades afetadas pelo mesmo desastre e que não tenham tomado ações para reduzir os riscos.

Os resultados destas comparações deverão influenciar as atividades em andamento que estão voltadas a reduzir ainda mais o risco de desastres.

Um monitoramento freqüente das atividades também é necessário, pois a escala e a natureza das ameaças de desastres e da vulnerabilidade das pessoas às mesmas poderão ser alteradas. Talvez seja necessário ajustar as atividades às novas circunstâncias.

É recomendável repetir todo o processo de aplicação da ferramenta APRD a cada três anos, aproximadamente.

O processo de aplicação da ferramenta APRD poderá causar outros impactos positivos. Por exemplo, poderá aumentar a confiança dos moradores de maneira que se tornem mais atenciosos. É importante comemorar estes impactos.

ESTUDO DE CASO Comparando o impacto das inundações em Bihar

As inundações ocorridas em Bihar, na Índia, em julho de 2004, foram consideradas pelos meios locais de comunicação como sendo as piores nos últimos 50 anos. Mais de 21 milhões de pessoas foram afetadas, 1,5 milhão de hectares de terras cultivadas foi inundado, 674 mil moradias foram destruídas e muitas outras foram danificadas. Aproximadamente 585 pessoas morreram.

Antes destas inundações, o Centro de Discipulado, um parceiro da Tearfund, trabalhou com pessoas da região na identificação de atividades de redução de desastres. Um exemplo foi a formação de uma equipe de resposta a inundações. Um procedimento de evacuação foi definido. Os membros mais vulneráveis, incluindo as crianças, as mulheres e as pessoas com deficiências, foram transportados prioritariamente de barco a um lugar seguro. Eles foram abrigados em estruturas provisórias de bambu e plástico que foram montadas em uma região mais alta antes da temporada da monção. A diferença ficou clara entre as comunidades onde as atividades de redução de desastres foram realizadas e as demais comunidades da região que não se beneficiaram com esta abordagem. As comunidades que não contaram com as medidas de redução do risco de desastres estavam desorganizadas quando as inundações começaram, resultando em mais mortes e perdas de animais e utensílios domésticos.

5.2 Usando a ferramenta APRD em diferentes contextos

A ferramenta APRD poderá ser levemente adaptada para ser usada nos contextos urbanos, em situações posteriores a um desastre e onde tenha havido ou ainda haja insegurança.

Contextos urbanos

Nos contextos urbanos, três questões deverão ser consideradas:

1 NAS ÁREAS URBANAS, O TERMO 'SITUAÇÃO PERIGOSA' PODERÁ SER MAIS ADEQUADO DO QUE 'AMEAÇA'

Os moradores de uma favela em um centro urbano poderão dizer que os maiores problemas enfrentados por eles são:

- despejo forçado da favela devido à ocupação ilegal da terra.
- revoltas e outros tipos de violência, tal como a violência doméstica
- roubo.

Ao invés de usar o termo 'ameaça', as pessoas poderão preferir usar o termo 'situação perigosa' pois elas geralmente se sentem ameaçadas pelas ações de outras pessoas e não por uma ameaça de desastre causada por fatores naturais. Portanto, a equipe de facilitação poderá preferir chamar o PASSO 2 de 'Levantamento de situações perigosas', ao invés de 'Levantamento de ameaças'. Visto que as ameaças podem ser menos evidentes à comunidade como um todo, diferentes opiniões poderão ser expressadas durante o levantamento das ameaças. Estas ameaças deverão ser priorizadas cuidadosamente para que se consiga apropriação por parte de toda a comunidade.

No entanto, poderão existir ameaças de desastres específicas nas áreas urbanas que as pessoas realmente vão chamar de 'ameaças de desastres'. Por exemplo:

- Incêndios – que acontecem quando as casas estão muito próximas umas das outras.
- Inundações – que acontecem quando as casas estão localizadas em regiões pantanosas ou quando as estradas e outras superfícies artificiais dificultam o escoamento da água.

EXEMPLO
Usando a ferramenta
APRD em uma favela
de Delhi, na Índia

Os moradores identificaram as seguintes ameaças: malária, incêndios, inundações, crime e demolições. A malária foi considerada a ameaça mais importante.

Durante o levantamento de vulnerabilidades, as seguintes foram identificadas:

- Elementos em risco: vidas humanas
- Condições vulneráveis: água parada na qual os mosquitos podem se reproduzir
- Pressão: a autoridade local não faz a coleta do lixo, o que acaba bloqueando os esgotos
- Causa subjacente: a autoridade local não soluciona o problema porque o assentamento é ilegal e provavelmente será demolido.

O planejamento de ações poderá envolver os moradores na limpeza dos esgotos, incluir orientações sobre como fabricar e usar mosquiteiros, como defender e promover direitos junto às autoridades locais para legalizar o assentamento ou prover alternativas satisfatórias.

2 REDES SOCIAIS

Geralmente há menos cooperação e união entre as pessoas que vivem nas áreas urbanas do que as que vivem na zona rural. Isto acontece porque as pessoas estão separadas das redes tradicionais ou de outras capacidades sociais (tais como os conselhos de moradores, as cooperativas agrícolas, os grupos sociais informais formados por mulheres) quando mudam para as áreas urbanas. As favelas das áreas urbanas geralmente são formadas por pessoas de muitos lugares. Até mesmo quando as pessoas já viveram por muitos anos em uma área urbana, elas poderão observar que têm menos vínculos com os seus vizinhos do que na zona rural. Portanto, uma maneira importante de reduzir a vulnerabilidade aos desastres nas áreas urbanas é incentivar agrupamentos sociais mais fortes.

3 CAPACIDADES E VULNERABILIDADES

Apesar da possibilidade de que os moradores das áreas urbanas tenham menos capacidades sociais, eles têm outras capacidades que não existem na zona rural. Por exemplo, eles estão mais próximos dos serviços de emergência. Os estabelecimentos de atendimento médico também podem estar próximos, além de escolas e outros serviços prestados pelo governo ou pelas ONGs.

No entanto, há uma diferença entre 'disponibilidade' e 'acesso'. Os estabelecimentos podem estar disponíveis, mas os moradores das favelas das áreas urbanas podem permanecer vulneráveis se não puderem acessá-los. Os moradores de uma favela podem viver próximos de um centro médico, mas serem proibidos de utilizar os seus serviços por não terem condições de pagar pelo atendimento. Os serviços de emergência podem existir, mas um carro de bombeiros talvez não tenha condições de chegar a uma favela se as ruas forem muito estreitas. O desenvolvimento de capacidades sociais, tais como um Comitê Local de Incêndios, pode ser mais eficaz na redução do risco de incêndios nas favelas.

Contextos posteriores a desastres

A ferramenta APRD não é apropriada apenas para as situações anteriores a um desastre. Ela também pode ser usada depois de um desastre para melhorar a qualidade e a sustentabilidade do trabalho de assistência, reabilitação e reconstrução.

Tradicionalmente, as agências que prestam assistência em situações de desastre realizam os levantamentos de danos e necessidades depois de um desastre. O objetivo é tentar salvar vidas e ajudar a reparar o que foi danificado. Porém, há problemas com esta abordagem limitada:

- Ela é concentrada nas necessidades de curto prazo, ao invés de atender as vulnerabilidades subjacentes que levaram ao desastre
- As capacidades locais podem ser prejudicadas pois as pessoas geralmente são tratadas como vítimas desamparadas
- Geralmente é criada uma dependência pela assistência emergencial porque as pessoas começam a depender demasiadamente da ajuda externa
- Se o desastre não for compreendido, às vezes a assistência emergencial poderá estimular os próprios riscos que causaram o desastre ou criar novos riscos.

Ao usar a ferramenta APRD depois de um desastre, as abordagens tradicionais de assistência emergencial poderão ser substituídas por um trabalho mais eficaz de assistência a partir de uma perspectiva de desenvolvimento. Isto inclui a consideração de uma redução de longo prazo das vulnerabilidades dos moradores. O quadro da página 66 aponta as principais diferenças entre uma abordagem tradicional e de desenvolvimento no trabalho de assistência emergencial.

Abordagens tradicionais e de desenvolvimento no trabalho de assistência emergencial

| ASSISTÊNCIA EMERGENCIAL TRADICIONAL | ASSISTÊNCIA EMERGENCIAL A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO |
|--|--|
| As pessoas são tratadas como vítimas desamparadas | As pessoas são tratadas como sobreviventes que têm virtudes e recursos |
| As pessoas são beneficiários passivos da ajuda externa | As capacidades das pessoas são fortalecidas através da participação ativa das mesmas |
| Os levantamentos de danos e necessidades são feitos rapidamente pelos especialistas externos | Os levantamentos são feitos com os moradores |
| Ênfase na provisão de assistência humanitária (como alimentos e abrigo) e de soluções técnicas | A assistência também inclui a solução dos aspectos sociais e de outras naturezas da vulnerabilidade das pessoas |
| O enfoque permanece no indivíduo | O enfoque permanece na comunidade e na maneira como ela está organizada |
| Os doadores decidem o que é necessário | Os moradores participam na tomada de decisões |
| A provisão de assistência é uma responsabilidade da agência de assistência emergencial | A gestão de desastres é uma responsabilidade de todos e a agência de assistência emergencial assume um papel de apoio |
| O objetivo é atender as necessidades imediatas e fazer com que a vida volte ao normal | O objetivo é reduzir a vulnerabilidade das pessoas às futuras ameaças de desastres, além de atender as necessidades imediatas. |

Ao utilizar a ferramenta APRD depois de um desastre, os seguintes fatores deverão ser considerados:

Tempo O processo APRD de identificação das vulnerabilidades e capacidades em relação a todas as ameaças de desastres que ocorrem na região não deverá ser implementado até que não haja mais riscos imediatos às pessoas, que as necessidades básicas tenham sido atendidas e que as pessoas estejam se sentindo menos traumatizadas.

Os líderes comunitários deverão decidir qual é o momento certo para que o processo APRD seja iniciado.

Participação Certifique-se que as pessoas se envolvam no processo o máximo possível. Talvez as pessoas que estiverem prestando assistência emergencial venham a precisar mudar o seu estilo e abordagem, visto que eles costumam se concentrar na rapidez da entrega da assistência.

Ameaças de desastres As pessoas poderão ter dificuldade em pensar sobre possíveis ameaças de desastres futuras, visto que elas estarão pensando sobretudo na ameaça que causou o recente desastre. Apesar da possibilidade das pessoas estarem sujeitas a um risco mais alto de serem afetadas por outras ameaças no futuro, poderá ser melhor fazer o levantamento desta ameaça primeiro e aplicar a ferramenta APRD para os demais desastres depois de alguns meses. Por exemplo, em Gujarat, na Índia, as pessoas afetadas por um terremoto que matou 20.000 pessoas priorizaram o risco apresentado por terremotos e não pelas secas, embora os terremotos não aconteçam com muita frequência e as secas afetam as pessoas e os meios de sustento todos os dias.

Capacidades

A ênfase deve ser colocada na identificação e consideração das capacidades locais, visto que elas poderão ser menos evidentes depois de um desastre e por geralmente serem negligenciadas pelas agências de assistência emergencial. As pessoas poderão ter dificuldade em reconhecer as suas capacidades depois de um desastre e, por isto, o facilitador deverá iniciar as discussões enfatizando os aspectos positivos. Por exemplo, o facilitador poderia perguntar: ‘Você sobreviveu a um evento perigoso. Como isto foi possível?’

ESTUDO DE CASO
Usando a ferramenta
APRD depois do
tsunami em Banda
Aceh, na Indonésia

Em Banda Aceh, na Indonésia, o processo APRD foi implementado cinco meses depois que o desastre aconteceu. As pessoas estavam interessadas em participar no processo porque os seus meios de sustento ainda não haviam sido restabelecidos, o que lhes permitiu ter mais tempo livre. As pessoas acharam que as tempestades e os terremotos representavam o maior risco no futuro. Todos os grupos concordaram sobre qual seria o lugar mais seguro – um terreno em um morro. As conclusões do levantamento foram usadas no planejamento do abrigo e dos componentes de meios de sustento e educação do programa de assistência emergencial.

Ambientes posteriores aos conflitos ou inseguros

Onde existem conflitos violentos, a ferramenta APRD deverá ser usada com cautela. Use um facilitador experiente. Alguns princípios importantes:

- sensibilidade – especialmente se as pessoas começarem a ter lembranças dolorosas.
- neutralidade – para que a ferramenta APRD não seja vista como algo que apoia apenas um dos lados. Procure reunir informações de grupos adversários.
- confidencialidade – não revelando informações que possam dar uma vantagem ao adversário ou colocar as pessoas em perigo.

Em casos extremos, pode ser melhor tratar primeiro do conflito usando ferramentas específicas para a análise de conflitos e para formular ações apropriadas de pacificação.

Em uma situação posterior a um conflito ou onde existe pouca insegurança, a ferramenta APRD poderá ser uma ferramenta eficaz para ajudar as pessoas a compreender a sua situação e avançar rumo à paz, pois a ferramenta APRD incentiva os membros da comunidade a trabalharem juntos e identificarem metas comuns. A comunidade poderá identificar a insegurança como sendo um fator que influencia a vulnerabilidade e procurar tratar desta questão durante a etapa de planejamento de ações. Porém, os facilitadores deverão garantir que isto seja feito de uma maneira segura. Se o processo APRD vier a aumentar as tensões, ele deverá ser interrompido e deverão ser introduzidas algumas ferramentas apropriadas de análise de conflitos ou de pacificação.

Grupos focais

Os facilitadores deverão estar cientes de que os membros da comunidade, ou as pessoas que ocupam posições de poder, poderão suspeitar dos grupos focais. É importante que todas as pessoas vinculadas à comunidade estejam cientes do processo APRD e do que ele consiste para que, assim, elas não se sintam ameaçadas pelo mesmo.

Poderá ser recomendável escolher um horário e local apropriados para os grupos focais se reunirem reservadamente, caso queiram discutir questões delicadas. Assegure-se de que tais discussões venham a reforçar a paz e não sejam oportunidades para que os grupos focais discutam como poderiam aumentar as tensões.

- Informantes-chave** Assegure-se de que os informantes-chave sejam provenientes de todos os lados do conflito para que opiniões divergentes possam ser ouvidas e compreendidas. Esteja ciente de que, às vezes, o governo nacional ou grupos internacionais procuram usar ou aumentar as tensões locais para alcançar seus próprios objetivos.
- Levantamento de capacidades** Algumas capacidades locais podem ter sido negativamente afetadas pela insegurança. Por exemplo, talvez as áreas tradicionais de pastagem não estejam mais disponíveis ou as áreas onde as pessoas podiam apanhar lenha podem se tornar muito perigosas. Incentive as pessoas a identificar estas capacidades perdidas, assim como as que elas possuem no momento. Tenha certeza de que parte do planejamento de ações procure reconstruir as capacidades perdidas pelas pessoas.
- Planejamento de ações** Se não houver um grupo estabelecido para implementar o plano de ações, poderá ser necessário concentrar o planejamento no âmbito doméstico, ao invés de considerar a comunidade como um todo. Uma vez que os relacionamentos começarem a se formar, será possível identificar uma Força-Tarefa Voluntária.

5.3 Incorporando questões importantes

Existem algumas questões importantes que deverão ser amplamente incorporadas no trabalho que realizamos. Em outras palavras, elas deverão se tornar uma parte integral de todo o nosso trabalho e influenciar a maneira como as coisas são feitas. Em relação às melhores práticas na gestão de desastres, precisamos estar cientes especialmente das seguintes questões:

- HIV e AIDS
- mudanças climáticas
- sensibilidade de gênero
- sensibilidade às necessidades das crianças.

Estes assuntos já foram enfatizados neste manual. Os parágrafos abaixo descrevem porque isto é importante e como isto foi feito.

HIV e AIDS

Milhões de pessoas estão vivendo com o HIV e a AIDS ao redor do mundo e muitos outros milhões de pessoas são afetados de alguma maneira. A maioria das pessoas que vivem com o HIV está nos países do Hemisfério Sul.

O HIV e a AIDS estão destruindo vidas, aumentando a pobreza e fazendo com que as comunidades fiquem instáveis. Como resultado, as pessoas estão ficando mais vulneráveis aos desastres naturais e aos provocados pelo homem.

O HIV e a AIDS aumentam a vulnerabilidade das pessoas que enfrentam desastres. A doença também representa um desastre. Geralmente as pessoas pobres são que as têm menos condições de lidar com a ameaça do HIV e da AIDS, o que leva a um desastre de longo prazo. O trabalho de resposta a desastres tende a acontecer quando ameaças de desastres atingem os moradores em um curto período de tempo. No entanto, devido o HIV e a AIDS representarem um desastre menos evidente e que ocorre durante um longo período de tempo, as respostas são levadas com menos seriedade. Como resultado, as causas subjacentes que fazem com que as pessoas fiquem vulneráveis ao HIV e à AIDS são raramente atendidas.

Desastres naturais e provocados pelo homem ao redor do mundo estão vulnerabilizando as pessoas ao HIV e à AIDS. Por exemplo, os conflitos podem aumentar o contágio com o HIV através dos estupros, que são usados como arma de guerra, e porque os parceiros são separados por longos períodos de tempo. Responder ao HIV e à AIDS se torna ainda mais desafiante na época de desastres. Se o HIV e a AIDS não forem levados em consideração durante o planejamento de respostas a desastres, os níveis de contágio poderão aumentar porque as pessoas poderão ser forçadas a adotar comportamentos arriscados para poder sobreviver.

Incorporando HIV e AIDS

Esforços para reduzir o risco de desastres deverão levar em consideração as pessoas que vivem com o HIV e a AIDS ou que são afetadas pela doença. Isto requer a inclusão destas pessoas nos processos de tomada de decisões sobre o planejamento, a montagem, a implementação e a avaliação das atividades voltadas à redução do risco de desastres.

O HIV e a AIDS deverão ser considerados como fatores importantes que vulnerabilizam as famílias aos desastres. Ao lidar com o HIV e a AIDS, o impacto das futuras ameaças de desastres sobre estas famílias poderá ser reduzido.

As medidas de mitigação de desastres deverão levar em consideração as necessidades das pessoas que vivem com o HIV e a AIDS. Por exemplo, os planos de evacuação poderão assegurar que as pessoas doentes com a AIDS sejam evacuadas primeiro, junto com os idosos e as outras pessoas com dificuldade de locomoção.

Depois de um desastre, a fase de reconstrução deverá ser cuidadosamente elaborada para que a vulnerabilidade das pessoas ao HIV não aumente. Por exemplo, se as pessoas forem trasladadas para longe das suas casas enquanto a infra-estrutura é reconstruída, esforços deverão ser feitos para manter as famílias juntas e criar oportunidades de geração de renda para que as mulheres não sejam forçadas a se tornar trabalhadoras sexuais.

Cada vez mais, o HIV e a AIDS estão sendo reconhecidos como uma questão-chave por muitas agências de assistência e por formadores de políticas públicas. As seguintes diretrizes foram elaboradas para ajudar as organizações a incorporarem plenamente o HIV e a AIDS no trabalho de mitigação e resposta aos desastres:

- UNUSIDA, *Guidelines for HIV interventions in emergency settings* (disponível em inglês e francês)
- Sphere Project, *Carta Humanitária e Normas Mínimas de Resposta Humanitária em Caso de Desastres*.

Mudanças climáticas

As mudanças climáticas são discutidas em relação às diferentes ameaças de desastres que as pessoas enfrentam, e como as ameaças de ordem climática estão se tornando mais frequentes e graves. Isto está aumentando os riscos às pessoas vulneráveis e também está criando novos riscos aos quais as pessoas precisam se adaptar. O trabalho de defesa e promoção de direitos é essencial. Por exemplo, os países devem ser incentivados a diminuir a emissão de gases que geram efeitos atmosféricos nocivos, tais como o aquecimento global.

Sensibilidade de gênero

As mulheres costumam ocupar uma posição inferior a dos homens na sociedade. As decisões continuam sendo feitas pelos líderes comunitários do sexo masculino. O trabalho doméstico feito pelas mulheres pode ser prolongado e cansativo, variando desde o cuidado de crianças e a preparação de alimentos e limpeza até a coleta de água e árduos trabalhos manuais.

A desigualdade de gênero pode ter um impacto negativo sobre a vulnerabilidade das mulheres em relação às ameaças de desastres. Por exemplo, em muitas culturas, as mulheres não sabem nadar porque esta atividade é considerada um comportamento inaceitável. Portanto, as mulheres ficam muito vulneráveis durante as inundações.

O processo APRD deverá ser realizado com grupos focais formados por mulheres para garantir que as suas diferentes perspectivas sejam ouvidas e compreendidas. O planejamento de ações deverá levar as questões de gênero em consideração e poderá ser um grande desafio às desigualdades diárias de gênero na comunidade.

Sensibilidade às necessidades das crianças

As crianças podem ficar especialmente vulneráveis em épocas de desastre. Elas dependem de outras pessoas para ser protegidas, pois são menos capazes de cuidar de si próprias até que atinjam uma certa idade e maturidade. Se elas ficarem órfãs, talvez depois de perderem os seus

país devido à AIDS, elas ficarão especialmente vulneráveis. Quando uma família estiver passando por um período especialmente difícil, às vezes as crianças são abusadas sexualmente ou economicamente.

É importante que o processo APRD incentive uma compreensão das opiniões e experiências das crianças. Portanto, é útil ter um grupo focal formado apenas por crianças. Provavelmente algumas das perguntas e ferramentas participativas precisem ser adaptadas para que sejam apropriadas para as crianças.

As crianças não deverão ser esquecidas durante o planejamento de ações, pois elas poderão exercer uma função importante. Por exemplo, as crianças costumam estar muito dispostas a aprender sobre o que fazer durante um terremoto e podem transmitir estas mensagens de maneira eficaz às suas famílias e às outras crianças.

Ilustração do tsunami feita por crianças de Banda Aceh, na Indonésia.



Recursos úteis

- Abarquez I e Murshed Z (2004) *Community-based disaster risk management: Field practitioners' handbook*, Asian Disaster Preparedness Center
- Anderson M e Woodrow P (1998) *Rising from the ashes: Development strategies in times of disaster*, ITDG Publishing, www.itdgpublishing.org.uk
- Blackman R (2003) ROOTS 4: *Construindo a paz dentro das nossas comunidades*, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- Blackman R (2005) ROOTS 8: *HIV e AIDS: começando a agir*, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- Blaikie P, Cannon T, Davis I e Wisner B (2004) *At risk: Natural hazards, people's vulnerability and disasters*, Routledge, Londres
- Carter I (2002) *Preparando-se para desastres*, Guia PILARES, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- Carter I (2003) *Mobilização da comunidade*, Guia PILARES, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- Carter I (2004) *Mobilização da igreja*, Guia PILARES, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- Clarke S, Blackman R e Carter I (2004) *Manual de Habilidades de Facilitação*, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- *Code of Conduct for The International Red Cross and Red Crescent Movement and NGOs in disaster relief* www.ifrc.org/publicat/conduct/index.asp
- Gordon G (2002) ROOTS 1–2: *Kit de ferramentas para a defesa de direitos*, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- Heijmans A e Victoria L (2001) *Citizenry-based and development-oriented disaster response*, Centre for Disaster Preparedness, Quezon City, Filipinas
- IFRC (1999) *Vulnerability and capacity assessment*, International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies

- Página web do 'ProVention Consortium' – links a cópias eletrônicas de recursos informativos de organizações de todo o mundo sobre como conduzir vários tipos de levantamentos relacionados a desastres www.proventionconsortium.org/toolkit.htm
- Stephenson P com Gourley S e Miles G (2004) *ROOTS 7: Participação infantil*, Tearfund Reino Unido. Envie o seu pedido para o e-mail roots@tearfund.org ou acesse o material através da página <http://tilz.tearfund.org/Portugues>
- Tearfund UK *Community-based disaster risk reduction in the Indian state of Bihar: A case study* (2004) <http://tilz.tearfund.org/Topics/Disaster+Management>
- Tearfund UK (2004) *Development and risk reduction in the Indian state of Andhra Pradesh: A case study* <http://tilz.tearfund.org/Topics/Disaster+Management>
- Venton C e Venton P (2004) *Disaster preparedness programmes in India: A cost benefit analysis*, ODI Network Paper 49
- Von Kotze A e Holloway A (1996) *Reducing risk: participatory learning activities for disaster mitigation in Southern Africa*, IFRC, Natal

Glossário

Este glossário explica o significado de certas palavras, de acordo com a maneira em que são usadas neste manual.

| | |
|-----------------------------------|---|
| aliados | pessoas ou organizações que podem fornecer ajuda e apoio |
| ameaça de desastre | um evento ou situação natural ou causado pelo homem ou algo que pode levar a uma situação de perigo, perdas ou lesões |
| capacidade | habilidade para fazer algo, especialmente a habilidade de prever, superar ou recuperar-se dos desastres |
| casta | classe social determinada pelo nascimento |
| ciclone | tempestade tropical violenta, com vendavais e chuvas fortes. Este termo é usado no Sudeste da Ásia. Veja também ‘furacão’ e ‘tufão’ |
| colaboração | quando duas ou mais pessoas ou grupos trabalham juntos para alcançar algo |
| confrontação | quando duas ou mais pessoas ou grupos se reúnem face a face para discutir uma questão, geralmente de uma maneira agressiva |
| cronograma | um esboço das atividades que serão realizadas em determinados momentos |
| desastre | quando uma ameaça de desastre causa um impacto sobre uma comunidade vulnerável, causando danos à vida, às propriedades e aos meios de sustento |
| desempoderar | quando uma pessoa ou grupo se torna menos capaz de determinar os seus próprios valores e prioridades ou passa a confiar menos nas suas próprias habilidades |
| despejo | quando pessoas são forçadas a mudar das suas casas |
| dinamizador | brincadeira ou atividade curta para animar as pessoas quando estão cansadas |
| discriminação | ter uma atitude negativa contra alguém ou um grupo de pessoas devido a estereótipos ou à falta de conhecimentos |
| fatalista | um sentimento de que as pessoas são incapazes de mudar o seu futuro |
| ferramentas participativas | atividades que criam condições para que as pessoas expressem e analisem a realidade de sua vida diária |
| furacão | tempestade tropical violenta, com vendavais e chuvas fortes. Este termo é usado nas regiões do Atlântico e do Caribe. Veja também ‘ciclone’ e ‘tufão’ |
| geada | cristais de água congelada que cobrem o chão e os objetos frios quando a temperatura se aproxima do ponto de congelamento |

| | |
|--------------------------|--|
| governabilidade | o processo de governar um país ou região |
| granizo | pequenas pedrinhas de gelo que caem como a chuva |
| grupo focal | um pequeno grupo de pessoas que se reúne para discutir um determinado tópico |
| invadir | entrar nas terras ou propriedades de uma outra pessoa de maneira ilegal ou sem autorização |
| infra-estrutura | sistemas, instalações ou serviços necessários para as atividades econômicas, tais como a eletricidade, o abastecimento de água, as estradas e o transporte público |
| incorporação | considerar uma questão em todas as atividades e deixar que ela influencie a maneira como as coisas são feitas |
| mitigação | medidas tomadas antes que aconteça um desastre e voltadas à redução do impacto negativo daquele desastre |
| ONG | organização não governamental |
| parte interessada | uma pessoa ou grupo com um interesse ou preocupação por algo |
| participativo | descreve uma situação onde muitas pessoas estão participando |
| perguntas abertas | uma pergunta que incentiva a pessoa entrevistada a fornecer informações. A pergunta não pode ser respondida com um simples ‘sim’ ou ‘não’ |
| preparação | a condição de estar preparado. A preparação para desastres se relaciona às atividades realizadas antes que um desastre aconteça, as quais aumentam a capacidade das pessoas de prever, de se prepararem e de responderem aos efeitos do desastre |
| pressões | pessoas e processos que causam vulnerabilidade |
| quebra-gelo | uma atividade ou jogo usado para que os membros de um grupo se apresentem uns aos outros e os ajudem a se ficar mais à vontade no grupo |
| recurso | algo que pode ser usado para aumentar o bem-estar |
| seca | longo período com pouca ou nenhuma chuva |
| tendência | mudanças que ocorrem com o tempo |
| tsunami | uma grande onda oceânica causada por um terremoto debaixo da água |
| tufão | tempestade tropical violenta, com vendavais e chuvas fortes. Este termo é usado nas regiões dos mares da China e do oeste do Pacífico. Veja também ‘furacão’ e ‘ciclone’ |
| vulnerabilidade | uma condição ou conjunto de condições que reduzem a capacidade das pessoas preverem, resistirem ou se recuperarem do impacto de um desastre |

Reduzindo o risco de desastres em nossas comunidades

escrito por Paul Venton e Bob Hansford

ISBN 1 904364 61 6

Publicado pela Tearfund

